17 MARÇO 1956

Careta

TRES CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2490 ANO XLVIII

A FACADA

J. K — Minha máquina de governar faz em 5 o trabalho de 50 anos! Precisa, porém, de "lubrificação", ai uns 5 biliões de dólares...

Tio Sam — Compreendo, compreendo. Pagamento em 50 biliões de anos, não é? ..

...mas, para mim, o gostoso

Brahma Chopp

é o melhor da festa!

A prova é que você nunca dispensa o seu saborosíssimo Brahma Chopp... "descobrindo", mais e mais, um novo prazer em seu inconfundível sabor! É natural! Brahma Chopp é preparado com o melhor e mais rico malte... o melhor e mais aromático lúpulo... o melhor e o mais puro fermento! Os "bons momentos" de sua vida pedem o insuperável Brahma Chopp! Beba... ofereça o inigualável Brahma Chopp aos seus amigos!

OUÇA as irradiações esportivas Brahma pelas emissoras.
R. Nacional, do Rio
R. Mayrink Veiga, do Rio
R. Nacional, de S. Paulo
R. Mineira, B. Horizonte
R. Guairacá, de Curitiba
R. Clube Parandense, Curit.
R. Soc. Gaúcha, P. Alegre

BRAHMA

Chopp

— não pode haver melhor!

PRODUTO DA COMPANHIA CERVEJARIA BRAHMA

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA,
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFONIO 32-3721

Êste número contém 44 páginas

LOOPING THE LOOP

A ANISTIA

O QUE vai por esta terra em matéria de ignorância, desonestidade, falta de patriotismo, de caráter, enfim, é de causar engulhos, mesmo a quem possui estômago de avestruz!

Nas menores coisas, nos atos mais corriqueiros da vida cotidiana, impera a mais deslavada impudência.

Furtar, trair, subornar e vender-se são os verbos que estão em voga. Furtam, desde o galego da quitanda até os Chefes de Estado.

A traição, de tão vulgar que se tornou, já não surpreende ninguém. O número de indivíduos que se vendem é tão grande que chega parecer exagerado dizer: — neste país quase todo mundo é venal!

Como conseqüência forçada dessas condições, o subôrno atingiu gráu tão elevado que já não se mencionam subornadores e subornados, apontam-se aqueles que "não passam nem comem bola"...

O subôrno, entre nós, adquiriu fôro de instituição nacional. Quase tudo que respeita a governança é feito à base de corrução.

Suborna-se a imprensa; a justiça; o proletariado; a indústria; o comércio e as fôrças armadas. Tudo se faz à custa de "bola": no caso da imprensa são empréstimos de bilhões para a aquisição de máquinas a câmbio especial; são subvenções por intermédio do S.E.S.I., do S.E.S.C., dos Institutos de Aposentadoria e Pensões; é propaganda governamental para a preço extorsivo; são facilidades na importação de máquinas, papel e outros materiais; é a concessão de estações radiofônicas, canais de televisão etc. etc. No da justiça são as nomeações, os cartórios e empregos polpudos para irmãos, filhos, genros etc. No do proletariado são as promessas irrealizáveis de casa de graça, carne a seis cruzeiros o quilo, aumento de salários, participação nos lucros etc. etc. No da indústria é a proibição da importação de artigos similares, entregando indefeso, nas mão dos "tubarões", o desgraçado consumidor nacional. No do comércio são os tabelamentos camaradas; o contrabando consentido; a sonegação de impostos tolerada etc. No das fôrças armadas são cargos na administração pública; são as promoções por "merecimento"; são as comissões, fora e dentro do país; são os códigos de vantagens; os aumentos de sôldo; são igualmente as facilidades para a importação de automóveis, a câmbio ultra especial...

Como se tudo isso não bastasse, surdiu agora nova modalidade de corrução: A ANISTIA.

A anistia que o atual govêrno propõe ao Congresso é um ato de capoeiragem política. Se por um lado beneficia três ou quatro rapazes, cujo crime de deserção foi ditado por gestos de virilidade que os recomendam, por outro lado perdoa os autores dos golpes de traição da "novembrada" do ano próximo passado. O que o atual govêrno visa com essa medida não é o benefício daqueles, mas o perdão dêstes; não é o reconhecimento de um gesto de coragem na insubmissão à ilegalidade constituida que nos domina, mas o amolecimento daqueles que ainda não se conformaram com as infâmias perpetradas de Julho de 1955 até esta data.

Após a anistia em expectativa, ficarão os criminosos autores das traições de Novembro de 1955 livres de culpa; ficarão anistiados os três ou quatro aviadores envolvidos nos últimos acontecimentos, ficarão os do grupo do esparadrapo munidos da tão suspirada ponte para a desejada travessia do rio, mas, sobretudo, ficará evidenciado, à saciedade, que do que êste país está realmente necessitado é de um novo dilúvio, sem arca de Noé, porém. — *Bob*.

Doutor Patrão...

Café — Mas você disse que eu poderia reassumir quando entendesse...

Nereu — Essa era a minha opinião, mas não era a do **Lott**

—◇—

VOZ DA SABEDORIA

— Um amor, mesmo morto, continua a torturar-nos até que o esquecimento o enterre.

— A intimidade e o hábito só destroem o amor que não é verdadeiro, porque o verdadeiro amor é, como o ouro, inalterável.

VAI SER MÃE?

DELIVRANCINA

MEDICAMENTO DAS PARTURIENTES PREPARA O ORGANISMO PARA UM PARTO FELIZ EVITA O ABORTO, VOMITOS, ENJOOS, CANSAÇOS SEU USO E PROVIDENCIAL DURANTE TODA A GRAVIDEZ FARMACIA SIMOES RUA MATOSO 33 — RIO

ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

E Foi Tudo

ERA manhã de domingo. Excelente manhã de Março a que só faltavam flôres, muitas flôres, regatos cantantes e passarinhos a chilrear, porque essas coisas aqui na cidade custam-nos os olhos da cara... com exceção dos passarinhos.

Saltei da cama com ótima disposição, olhei através da vidraça a rua banhada de sol e rompi logo, em assobios altissonantes, com animada modinha retirada há pouco da circulação, enquanto aguardava que minha rotunda hospedeira preparasse o "elemento liquido" onde depois iria submergir-me.

Num momento em que, já suspenso o assobio, pensava com certa angústia, que teria de entregar na Redação da revista, até o dia seguinte sem falta, mais um conto cujo enrêdo buscava inùtilmente desde há muitas horas, senti que alguém acabava de subir a escada e batia à porta do meu quarto.

Passei os dedos pelo cabelo em desalinho, vesti às pressas um roupão e fui abrir.

Era um individuo de bôa aparência, olhar inquieto, rosto levemente sanguíneo, todo êle a denotar nervosismo. Após cumprimento breve, perguntou sem mais cerimônia:

— E' o sr. João Amado? A pessoa que tem escrito ùltimamente uns contos na "Escândalo"?

Sobressaltou-me a pergunta. Procurei retomar a calma e, curvando levemente a cabeça, respondi:

— Sou eu, sim senhor. Chamo-me, de fato, João Amado. Faça favor de entrar.

O homem transpôs a porta com à-vontade, olhou o aposento de cima a baixo, aproximou-se de mim e, de modo brusco, interrogou:

— Reconhece-me?

Por Acaso...

— Não estou certo de quem seja o senhor... — retorqui. — Vivo ali com uma moça de quem gosto muito. O senhor escreveu há dias nessa revista um conto pouco digno! Tem o título: "Uma vizinha adorável" ! Calúnias não admito, entende ?! Não admito!! O que escreveu é uma refinada mentira ! Preciso que me dê uma explicação ! A minha pequena chama-se Isabel de Freitas ! Êste nome não lhe diz nada ?...

Não pude evitar um estremecimento. Que coisa inacreditável ! Isabel de Freitas era justamente o nome que eu tinha dado à personagem do conto a que o visitante aludia. Vi num relance que a situação tinha seus perigos, e deime pressa em desfazer o equívoco nada agradável:

— Por amor de Deus, caro senhor! Foi uma coincidência aborrecida, que eu sou o primeiro a lamentar ! O que escrevi é um conto de pura ficção.

Percebi que o homem quebrou nos seus rompantes.

— E' possível que assim seja. Eu quero acreditá-lo. Mas estranho muito tudo isto, sabe ?! Estranho, principalmente, porque os traços com que o senhor descreveu a personagem do conto condizem, em absoluto, sem tirar nem pôr, com a minha pequena: cabelos negros; olhar profundo, sonhador; bôca pequena; perfil elegante... E' espantoso, não acha ?!

— Não conheço qualquer Isabel de Freitas, nem tenho idéia de condiscípula alguma com êsse nome, dou-lhe a minha palavra de honra !

— Mas a Isabel conhece o senhor ! Fala-me de si amiúde !

— E' possível ! — Acedi, conformado.

— Ora, com licença. Quer ver se ela o conhece ?

Atravessou o quarto, chegou-se à janela, abriu-a e fêz sinais para a varanda do prédio em frente.

Compreendi que a vizinha desconhecida devia estar em observação, pois dai a instantes vi que saia à porta da escada e atravessava a rua. Então disse ao visitante, sem poder evitar certo espanto com aquela familiaridade:

— Perdão; eu vou mandar abrir a porta do lado. Conversaremos ali na saleta. Isto aqui está impossível de receber.

— Não, meu caro senhor ! Isabel não é moça de cerimônias ! Já aí a temos, ora escute ! Acaba de subir a escada !

Abri a porta, um tanto vexado com o desarranjo do quarto, dei passagem, e na minha frente surgiu a Isabel de Freitas em pessoa.

Pulei, surpreendido. Na verdade havia-a retratado com exatidão chocante e o seu apaixonado companheiro não tinha exagerado coisa alguma ao descrevê-la: cabelos negros; olhar profundo, sonhador; bôca pequena; perfil elegante...

Entrou a saltitar, enraçada, e dirigiu-se-me logo: E' o senhor João Amado, não é verdade ? Não se recorda de mim ?! Não está lembrado ?!

— Não tenho êsse gôsto ! Êste senhor falou-me... creio que do Liceu...

— Pois ! Sou a "Bêlinha" prima das Freitas ! Queimei-o uma vez num braço, na aula de Química, com um tubo de ensaio !... Já se lembra ?

— Ah ! Perfeitamente ! Ora, estava agora longe...

Foi assim que eu, a gentil "Bêlinha" e o seu companheiro ficámos, desde então, os melhores amigos. Os melhores.

E a vida continuou a rolar, a rolar teimosamente irrequieta.

. . . . . .

São decorridos largos meses desde aquela curiosa ocorrência. Esta manhã levantei-me cedo, assobiei com entusiasmo, como habitualmente, até que me assaltou a idéia de que precisava fazer novo conto para a revista. Emudeci.

Alguém bateu nesse instante à porta. Fui abrir. "Venho de fugida..." — disseram — "Em que pensa o meu querido ? Está tão absorto ?!...".

— Eu, minha jóia ? — respondi, afagando seu lindo rosto. — Necessito de escrever. Tenho de compor, hoje sem falta, outro conto. Aproveitarei um enrêdo que esta noite me ocorreu. Falta-me a minha linda com nome engraçado, sugestivo, para a personagem principal.

Debruçou-se no meu ombro e, muito baixinho, murmurou com meiguice: "Isabel... cabelos negros; olhar profundo, sonhador...".

◇

A Traição de Fifty Seven

A MELHOR recordação da minha existência está estreitamente ligada ao incêndio e naufrágio do "Cap Arica", um dos mais famosos navios que a Oriental Pacific Line" utilizava nas carreiras para as ilhas Sanduíche.

E não é difícil compreender que esta seja a melhor recordação da minha vida, se acrescentar que tão formidável incêndio foi obra exclusivamente minha, porque, se não o tivesse feito, o capitão do vapor ter-me-ia entregado às autoridades de Hong-Kong e estas, por sua vez, tinham, com certeza, celebrado a minha captura com grandes festejos populares, nos quais se fariam representar pelo menos cinqüenta e dois países.

Dez dias depois de haver fugido numa baleeira, cheguei a Singapura. O destino colocou à minha frente Fifty Seven, um dos melhores camaradas que tive em Sing-Sing, isto, é claro, sem desprimor para o resto da rapaziada. Encontrei-o numa taberna do cáis, exatamente no momento em que emborcava um impressionante jarro de rum da Jamaica, a única bebida que seu estômago recebia sem repugnância.

— O quê ? Exclamei ! Tu, Fifty Seven, aqui ?

Instantâneamente o copo caiu da mão do meu amigo para, em seu lugar, aparecer uma resplandecente pistola automática.

— Sim, sou eu ! Gritou, ameaçador. Descobriram-me, mas hei-de vender cara a vida !

— O' amigo, não te assustes ! Então não te lembras de mim ?

Fifty olhou-me detidamente. Depois, exclamou:

— O quê ? Mas será possível ? És tu ?

Era eu, com efeito.

Êle não cabia no seu pasmo:

— Mas como se explica isto ? Segundo meus cálculos, tu só devias recuperar a liberdade em 1983 !

Expliquei-lhe por alto as peripécias da minha última fuga do Alcatrás, e, dois minutos depois, brindávamos pelas alegrias do passado e pelas muitas outras que o Destino nos tinha reservadas.

— Que tencionas fazer agora ? — Perguntei a Fifty Seven, quando enxugámos as lágrimas da recordação — Que projetos tens ?

— Tenho o projeto de procurar uma ocupação decente e regenerar-me.

— Tu regenerar-te ? Mas que infame bebida é essa que te inspira tão lúgubres idéias ?

— Estou no meu juizo ! — acrescentou. — Há anos que acaricio o projeto de encaminhar meus passos para o Bem, e creio que meu pai tinha razão quando me dizia: "Vive sempre o melhor que possas, meu filho. Procura viver o melhor que possas. Ainda que para o conseguir tenhas que viver com honestidade" . . .

— Sim, de fato, isso não deixa de ser uma teoria . . .

— Pois, embora disparatada, estou disposto a pô-la em prática. Procurarei um trabalho honrado e verás como hei-de vencer !

— E eu acompanho-te ! — Irrompi, num dêstes arroubos de loucura de que a gente se arrepende logo no dia seguinte — Verás como juntos triunfaremos melhor !

Selámos nosso pacto com mais dois copázios de rum e, como vinte e quatro horas depois começaríamos vida nova, naquele dia, para despedida, além de não pagarmos a despesa que fizemos, só assaltámos um Banco, peneiramos a tiro três "Gemen" e roubámos um colar de pérolas a uma velha do Corpo Diplomático.

❖

Não sei se em tôda parte sucede o mesmo, mas em Singapura ser honrado é coisa que não custa nada. Demais, com um sócio como Fifty Seven, que encontrava solução para tudo.

A idéia foi dêle. Abrirmos uma agência matrimonial.

— Ês o Diabo ! — Exclamei — Estás acostumado a viver prejudicando o teu semelhante e escolhes uma profissão lícita que te permite prejudicá-lo na mesma . . .

E pusemos mãos à obra. Instalámos um escritório, e, com um pouco de propaganda, em breve choviam pedidos. Que diriam os nossos antigos companheiros das Guianas, se nos vissem transformados em agentes de Cupido ?

Poucas horas depois da inauguração da nossa agência, apareceu-nos um ser que tinha certa aparência humana, graças sòmente ao seu vestido feminino. A mulher — chamemos-lhe assim — avançou e disse:

— Quero que os senhores me arranjem um marido.

Pareceu adivinhar-nos o pensamento, e acrescentou:

— Arranjem-no e dou-vos dez mil dólares ! O negócio era, de fato, de tentar.

— Querem que deixe a minha fotografia ? Perguntou ela.

— Não ! Nós necessitamos é que nos facilite o trabalho e não o complique . . .

Ela foi-se embora e nós ficámos, cada um para

seu lado, a pensar. Como havíamos de casar aquela mulher, feia como uma trovoada ? Repentinamente, Fifty Seven bateu na testa:

— Já re-olvi o assunto !

— Como ?

— Casand-me com ela !

— Tu ?

— E então ? Ela não será uma beldade, bem sei, mas com o seu dinheiro pode suavizar os meus últimos anos de vida. Não esqueças mesmo, que essa mulher deve guardar um imenso caudal de ternura armazenado há uma data de anos e a sua infernal fealdade não lhe permitirá ter as exigências formidáveis das mulheres bonitas... Está resolvido: Caso com ela !

— Alto aí, Fifty Seven ! — Exclamei eu, furioso — Essa mulher é nossa cliente, e eu tenho tantos direitos como tu !

Tivemos uma discussão de violência gangsteriana. Derrubámos os móveis, partimos os vidros e, por fim, jogámo-la aos dados. Eu fiz batota e ganhei.

Vi o meu sócio tão triste que tentei consolá-lo:

— Vá, não te zangues. Dou-te os cinco mil dólares que são a tua parte.

E, para o animar:

— Olha, para fazermos isto mais equitativamente, como eu casado com ela estou mais garantido, além dos cinco mil ainda te dou mais dois mil da minha parte...

— Meu querido amigo, exclamou Fifty, comovido — Nunca esquecerei o amparo que me dás ! Assina um documento com essas condições e corre atrás da felicidade, ditoso mortal...

◇

Meu casamento realizou-se uma semana depois. A minha hedionda espôsa, inteirada do compromisso contraído com Fifty Seven, pagou a dívida e depois fechou hermèticamente o seu bolso.

— Quem administra os dinheiros sou eu ! E nada de protestos, quando não, deito-te as mãos ao pescoço e vais descansar junto aos meus quatro anteriores maridos !

Aos poucos e poucos comecei a apanhar para o meu cigarro. Alcatrá-, Sing-Sing, as Guianas, nada são ao pé de uma mulher assim ! Nunca mais consegui ver-me livre dela.

E ninguém me tira da cabeça que tudo isto foi calculado por Fifty Seven, e eu caí como um colegial. Quando êle me disse que casaria com ela, era a contar com a minha oposição e para me deixar casar a mim, ficando sòzinho com a agência !

Agora se me vissem em casa, a levantar os pratos da mesa do jantar e a jogar canasta a tostão o ponto — quem era capaz de dizer que eu fui gangster ?...

Contra manchas, espinhas, cravos e rugas. Previne o contagio de certas infecções.
Purifica e perfuma a pele.
Não deixe de aconselhar ao seu marido usa-la após a barba.

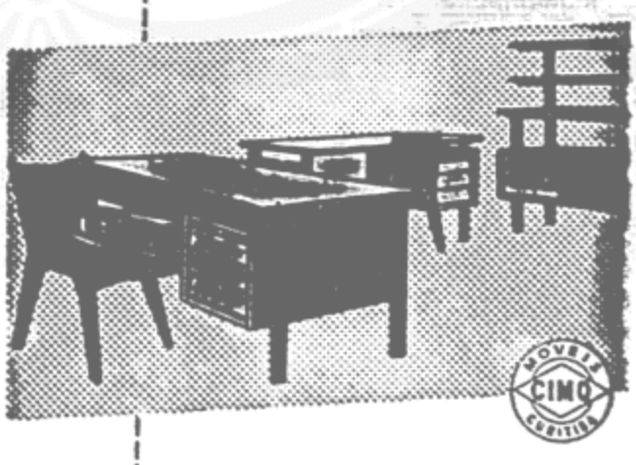
AGUA ANTISSÉPTICA
Flôr de Tiê

PERFUMARIA FLÔR DE TIÊ LTDA. - C. P. 4611 - Tel. 43-1166 - RIO
Pelo Correio Cr$ 25,00

◇

solicite o modêlo 9.600!

COM PÉS DE FERRO



MÓVEIS CIMO

Veneno de Eva

— Jantei ôntem com o Veloso
— E eu sei qual foi o prato de resistência
— Como é que você pode saber?
— Ora se sei! Língua...

LOÇÃO
PHENOMENO
TORRE
FORTIFICA OS CABELOS E ELIMINA A CASPA.

Um drama na

Foi ao tempo da cavalaria...

O sol deitava-se lentamente sôbre o Oriente e iluminava com seus últimos raios as tôrres do sinistro castelo de Buggensberg.

Isolda, a Esvelta, sôbre um torreão do castelo, olhava o céu. Murmurava: "Guido!" e suspirava profundamente. Na sua beleza etérea parecia apenas respirar. E, no entanto, mal respirava. Era fina e graciosa como um meridiano de longitude.

— "Guido!" murmurava ainda. E, de mãos postas, ajuntava:

— Meu Deus! Não o vejo no horizonte!

Entretanto a noite chegara e as janelas do castelo iluminaram-se. O castelão, seu pai, ia celebrar os esponsais de Isolda, a Esvelta, com Tancredo, o Tentador, na presença dos seus inúmeros vassalos.

O amor de Guido e de Isolda tinha essa pureza divina, tão particular aos amantes daquela época. Nunca se tinham falado. Não se conheciam, enfim; no entanto, amavam-se...

Alguns anos antes, Guido tinha visto o nome de Isolda pintado numa almofada. Empalidecera, sentira-se mal — e partira para Jerusalém.

No mesmo dia Isolda, ao passar numa rua de Gand, vira a cota de malha de Guido dependurada, a secar, num pau de roupa que saía de uma janela. Caiu logo, inanimada, nos braços das suas damas de honra. O amor, nesse mesmo instante, tinha entrado no seu coração...

Guido resolvera então praticar feitos maravilhosos que o tornassem digno do amor da sua bela.

Em Jerusalém matou, por causa dela, um sarraceno. Era, por sinal, um sarraceno de bonita figura. Em Constantinopla deu morte a um turco. Voltou à Escócia e acabou com um belo exemplar de "highlander".

E Isolda, entretanto, esperava-o...

Pelos seus belos olhos Otto, o Otário, tinha-se lançado ao mar; Conrado, o Condor, precipitara-se do alto do castelo para a lama do fossado.

Mas Isolda, a Esvelta, nunca se importou com isso. Sua avó, Ágata, a Chata, bem se esforçava para que ela contraísse casamento com algum daqueles belos e corajosos mancebos. O coração de Isolda, a Esvelta, porém, permanecia fiel a Guido.

De tempos a tempos, recebia dêle recordações preciosas. Mandou-lhe de Jerusalém uma bengala com um crânio, que simbolizava a fidelidade; de Constantinopla um pacote de balas, dessas que trazem os retratos dos jogadores de futebol e de Veneza um punhado de serradura de pau santo.

Mas seu último desígnio era entrar em Gand, es-

Idade-média

calar, com a ajuda da noite e de uma escada, o castelo, matar o pai de Isolda, lançar a avó do alto da grande tôrre e libertar, enfim, a sua bem-amada...

E êle estava, justamente nessa noite, a caminho de Gand, com cinqüenta companheiros de armas, conduzidos por Carlo, o Trinca-Linguas... Graças à escuridão, atingiram as muralhas do castelo e, então, rastejando e subindo com as mãos e os joelhos, venceram o caminho helicoidal que os aproximava da porta da fortaleza. Às seis horas tinham o castelo cercado; às sete, quando a festa atingia o auge, chegavam à poterna. Guido, para disfarçar, trazia um dominó sôbre a cota de malha e brandia uma trompa. Entre a cota de malha e o peito escondia a miniatura que representava o rosto da sua adorada, a quem nunca tinha visto, enquanto ela, no mesmo instante, dissimulava sob o seu vestido branco de noivado a miniatura que lhe revelara os traços nobres e másculos do seu cavaleiro desconhecido...

Agora o castelo estava alegremente em festa. O castelão despejava pichéis de vinho, à saúde de Tancredo, o Tentador, e divertia-se com as chalaças do novo bobo que, momentos antes, tinha sido introduzido na sala.

Quando o velho estava de costas, Guido — porque o bobo não era outro senão êle! — tirou o dominó e puxou de um cacête que trazia escondido.

Os convivas do festim exclamaram logo:

— Guido! E' Guido! Mas será possivel? E' Guido!

— Silêncio! — ordenou êle — Considerai-vos meus prisioneiros!

Então, levou a trompa à bôca e soprou, com tôdas as fôrças... Soprou mais... Soprou até romper as veias... E não saiu som nenhum.

— Agarrem-no — Gritou o castelão.

— Perdão! — protestou Guido — Em nome das leis da Cavalaria, declaro que vim aqui buscar Isolda, a Esvelta, casada por vós com Tancredo. Exijo que me deixem bater com êle!

Os convivas aprovaram e o combate singular principiou.

Foi horroroso!

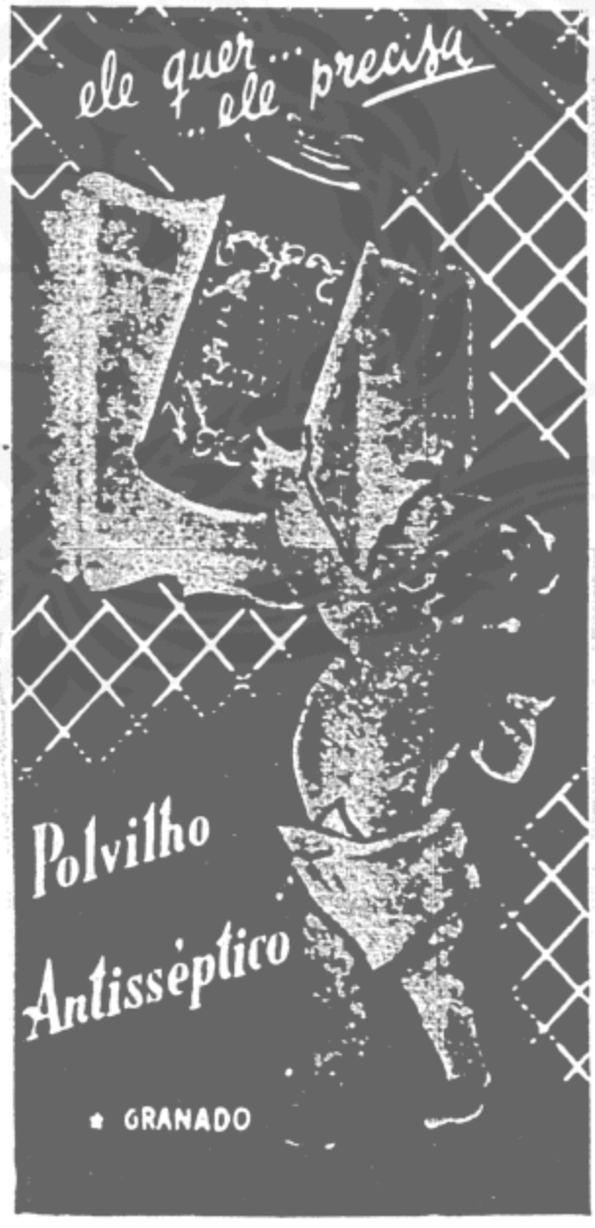
Primeiramente Guido, levantando o cacête com as duas mãos, abateu-o violentamente sôbre a cabeça couraçada de Tancredo. Depois, não se mexeu mais, para dar oportunidade a Tancredo de, por sua vez, lhe assentar o cacête pessoal na cabeça. Depois, Tancredo voltou-se e baixou-se. Então Guido enviou-lhe, de lado, uma tremenda cacetada no traseiro da cota de malha. Depois, pôs-se em posição para que Tancredo lhe fizesse o mesmo a êle. Em seguida, o noivo oficial pôs-se de cócoras, para que Guido lhe desse uma terceira cacetada entre as omoplatas. Era, enfim, uma luta de astúcia e de agilidade.

Durante muito tempo o resultado do duelo apresentou-se duvidoso. Ao fim de certo tempo, porém, a armadura de Tancredo começou a estalar, as cacetadas do cavaleiro tornaram-se mais fracas. Vendo isto, Guido aproveitou e, em golpes sucessivos, fêz-lhe a armadura chata como uma lata de sardinhas. Então, colocando o pé direito sôbre o peito de Tancredo, Guido baixou a viseira e olhou à sua volta.

Era imponente a figura do guerreiro, buscando, com o olhar, a sua dama. Mas um acontecimento inesperado estava para dar-se:

Um grito de horror atravessou a sala. Isolda, a Esvelta, alarmada pelo fragor da luta, tinha-se precipitado para a sala. Sob a armadura tinha adivi-

(Continúa na página 13)



Contos e Pontos

UMBERTO PEREGRINO

REPORTAGEM SINCERA

ANDOU em festas a cidade de Natal, por ocasião da posse do novo Governador do Estado, Sr. Dinarte Mariz. Muito poderá lucrar o Rio Grande do Norte sob o govêrno dêsse sertanejo inteligente, disposto, progressista e impregnado de espírito público. Dêem lhe condições para trabalhar e verão, é a impressão que se recolhe ao ouvir-lhe os planos e refletir sôbre o muito que tem empreendido no campo das suas atividades particulares.

—✧—

A cerimônia da passagem do cargo foi realmente expressiva. O povo invadiu o Palácio Potengi, que ficou literalmente cheio de gente de tôdas as classes, em expontânea atitude de regozijo. E não se criou a menor restrição a essa invasão, o povo portou-se como quis, ocupou tôdas as dependências do Palácio, aproximou-se à vontade do Governador. Pode-se dizer que em Natal o povo, de fato, subiu as escadas do Palácio com o Governador.

—✧—

Do ponto de vista social, a nota mais distinta, à margem da posse do Governador Dinarte Mariz, foi o jantar oferecido por um dos Secretários do novo Govêrno, Sr. Odorico Ferreira. Começa que sua residência é uma casa de cinema. Ampla, confortável lindamente decorada. O jantar foi servido num páteo arborizado onde foram dispostas mezinhas cujos centros haviam sido compostos com frutas regionais: cajús, tomarindos, goiabas, cajás, cachos de pitombas, sapotis, araçás, mangas. Uma maravilha de arte e bom gôsto.

A comida era abundante, variada, fina, deliciosa, regada a vinho e água de côco.

Algumas mulheres muito bonitas e tôdas elegantes acabavam de enfeitar o ambiente.

Foi reunião que seria brilhante no Rio também.

Lastimei não ser cronista do "café-society" para celebrar aquela festa de tanta beleza, agrado e distinção. Eu que não sou dessas coisas, rendi-me intimamente ao encanto do ambiente e à delicia do cardápio.

—✧—

Parece que o ponto sensível do Govêrno Dinarte Mariz será a Prefeitura de Natal. Pelo que me foi dado perscrutar, o Prefeito escolhido, Sr. Djalma Maranhão, é fortemente repudiado por importante parcela da opinião pública. Politicamente acusam-no de ex-comunista, o clero não o suporta, numerosas e agudas são as incompatibilidades que criou no desenvolvimento da sua atuação jornalística, ao estilo panfletário. A escolha obedeceu, òbviamente, a critério político. E' possível que mais do que compromisso, oriundo da aliança partidária, tenha inspirado o Governador Dinarte Mariz na escolha do Prefeito da Capital potiguar. Talvez imagine ampliar sua base eleitoral com o trabalho do Sr. Djalma Maranhão à frente da Prefeitura de Natal, onde aquêle líder poderá expandir com largueza suas aptidões populistas. Não creio, entretanto, que fôsse êsse o melhor critério para a escolha do Prefeito de que Natal precisa. De certo a cidade haveria de beneficiar-se muito mais se governada por alguém que tivesse sensibilidade para os seus problemas e visão administrativa para solvê-los, alguém com amor à cidade e categoria para servi-la.

Do que pude observar, Natal precisa essencialmente: de reforço de abastecimento dágua; da extensão da rêde de saneamento a áreas novas; de um hotel digno dêsse nome; de arborização e da restauração das suas escassas Praças, devastadas umas, abandonadas tôdas; de transportes, pois os ônibus em serviço são precários e desconfortáveis, os "lotações" abomináveis (veículos que jamais deveriam ser licenciados, por impróprios àquela finalidade) e algumas linhas como Petrópolis e Tirol são pèssimamente atendidas de pavimentação, pois ainda é relativamente insignificante a área pavimentada. Ver-se-á se um Prefeito, cujas credenciais são exclusivamente políticas, resultará satisfatòriamente útil a Natal. As calamitosas experiências do Distrito Federal não autorizam esperanças a êsse respeito. Quanto ao Sr. Djalma Maranhão que, de resto, é pessoalmente muito simpático, terá ainda por cima o

ASSINATURAS
DE
Careta
REGISTRADAS
6 (SEIS) MESES .... Cr$ 90,00
1 ANO ..... Cr$ 180,00

desvantagem de suceder a um prefeito geralmente reconhecido como excelente, o Engenheiro Wilson Miranda.

—◇—

Fato digno de registro nos atos da posse do Governador Dinarte Mariz o Senador Juraci Magalhães que lá estava presente, era sempre muito ovacionado. Sua popularidade se alastra, talvez com base na corajosa e eficiente atuação parlamentar que vem desenvolvendo no Senado. Nesse andar, quando chegarem as próximas eleições, o Senador Juraci Magalhães terá que escolher por qual Estado se candidatará...

——::——

A GRAVATA

Quando Mr. Watersteam, engenheiro americano, chegou para instalar os maquinismos da nossa fábrica, não sabia, como era natural, patavina de português. Nos Estados Unidos é mesmo muito comum a crença de que o português não passa de um dialeto espanhol.

Os anglo-saxões têm muita dificuldade em aprender os idiomas estrangeiros. Contudo, ao cabo de duas semanas, pela necessidade imperiosa de se fazer entender dos operários nacionais que tinha de dirigir, já o americano tartamudeava algumas coisas na nossa bárbara língua.

Eu ia ser o gerente da futura fábrica, por isso estava quase sempre presente aos trabalhos, medindo a largas passadas as salas onde, dentro em breve, ruidosas máquinas, sob a vigilância de operários hábeis e ativos, entrariam a fabricar os artigos dos quais nós, os diretores, aguardávamos fortuna rápida. Os sócios capitalistas também apareciam e, enquanto acompanhavam com olhar confiante a atividade de Mr. Watersteam, palestravam, tomavam café e refrescos e fumavam, soprando com a fumaça dos charutos aromáticos, comentários frívolos sôbre a política e as mulheres e comentários sérios sôbre a indústria e o comércio.

A conversação às vêzes animava-se tanto que Mr. Watersteam se sentia perturbado, principalmente quando tinha de regular qualquer aparelho mais delicado.

Voltava-se então para os circunstantes e exclamava, entre delicado e impaciente:

— Hô ! Assi no póde ser ! Cala bôca todos !

Como essa intimação se repetisse, eu, na qualidade de gerente, chamei de parte o engenheiro e expliquei-lhe que a pessoas de certa ordem se devia dizer assim:

— Meus senhores, silêncio, por favor !

Mr. Watersteam repetiu a frase várias vêzes para retê-la bem, conseguindo por fim pronunciá-la tolerâvelmeate mal.

No dia seguinte a essa explicação, como os operários se pusessem a falar todos ao mesmo tempo, o americano, depois de alguns momentos de reflexão para coordenar as idéias, exclamou:

— Sinhorres... silência... favorr...

Logo que houve oportunidade, chamei de parte o técnico e disse-lhe que, com os operários, era preciso ser mais imperativo, para impôr-lhes respeito. Ai a sua primitiva frase podia sem inconveniente ser aplicada.

O cérebro sadio de Mr. Watersteam iluminou-se. Bateu-me amigàvelmente no ombro e, com dificuldade, disse isto:

— Agorra estar entendo ! Quando pessoas tem gravate, se diz: senhorres, silencia, favor ! Quanda no tem gravate, se diz só cale bôca ! All right !

◇ ◇

PERFUMARIA FLORAMÉLIA LTDA.
Rua Francisco Manoel, 273 — Telefone 29-0867

◇

17-3-1956

As inovações

— Juscelino preciso ter cuidado porque está voltando o mar de lama!

— Mas êle disse que é só quando chove...

CLICHE'S

Aceitamos encomendas de clichés:

TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTOGRAVURA
DOUBLE'S

Entrega rápida
PREÇOS RAZOÁVEIS
RUA FREI CANECA, 383
TELEFONE 32-3721

Ruído e

COMO pode ainda haver quem a não conheça, seja ainda uma vez contada a clássica anedota.

Não se sabe bem em que país, e muito menos em que cidade, um grupo de amigos do Silêncio fundou uma Academia, a dos silenciosos. No título da instituição estava todo o seu programa. O número de sócios era limitado, pelo receio de que, tornando-se muito numerosos, os acadêmicos dessem para taramelar. Porisso, apresentando-se certa vez um candidato, quando o número máximo já tinha sido atingido, o secretário limitou-se a apresentar-lhe, sem dizer palavra, um copo tão cheio dágua que, ao menor movimento, se entornaria o líquido. O candidato, compreendendo a resposta simbòlicamente negativa, tirou da flor que trazia na lapela uma pétala e delicadamente a depôs sôbre água, sem que desta se entornasse uma gôta. O secretário sorriu e o candidato acabou sendo admitido.

Seria agradável a permanência nesa academia, perpètuamente silenciosa ? E' possível que sim, porque fora dali os acadêmicos tinham permissão para fazer o ruído que quisessem, e é bem de crêr que procurassem desforrar-se, buscando no contraste o repouso imprecindível ao corpo e ao espírito.

E' de observação corrente que após as aulas, os estudantes, não só as crianças mas os próprios acadêmicos dos cursos superiores, sentem necessidade de agitar-se, de falar, de gritar mesmo, para compensar a hora de contenção em aula.

No Rio de Janeiro é necessário que estas coisas sejam ditas para não cairmos no exagêro, como é muito dos nossos hábitos, de oito ou oitenta. No dia em que a campanha contra o ruído empolgar a nossa gente, nós seremos capazes de passar de Barulhópoles a Necrópoles.

Existe no nosso continente uma cidade sem ruidos inúteis. Nela vive meio milhão de habitantes; nela circulam cem mil (100.000) automóveis; nela existem numerosas linhas de ônibus e de bondes elétricos. Nessa cidade os possuidores de rádios e vitrolas não incomodam os vizinhos; os cães não ladram à noite; não há galos cantando de madrugada; ninguém ouve chôro de crianças; não se assobiam músicas de cinema nem se berram cantigas de carnaval; não se apregôa coisa alguma nas ruas.

Essa cidade encanatadora, de largas avenidas e amplos jardins, traçada geomètricamente, essa cidade ideal, onde não se realizam eleições, é Washington, a capital dos Estados Unidos.

Os habitantes de Nova Iorque consideram-na fúnebre.

Turismo

Seria talvez agradável trabalhar em Nova Iorque e dormir em Washington: mas, de trem ou de automóvel, são quatro ou cinco horas de viagem.

Em matéria de ruído é preciso notar que, em confronto com o Rio de Janeiro, Nova Iorque é café pequeno. Lá se fazem os ruídos inevitáveis; aqui parece haver propósito e prazer em produzir ruídos supérfluos. Aproximamo-nos muito dos tarasconeses que, reunidos, lançavam o grito selvagem:

— Fein de brut !

E cada qual procurava produzir o máximo de barulho de que fôsse capaz.

Uma senhora, nossa conhecida, quando ouvia risada descompassada, dessas que escancaram a bôca e sacodem a barriga, dizia:

— Gargalhada de quem não sabe ler.

O exceso de ruídos está forçosamente ligado à questão da cultura. A campanha em prol do silêncio só poderá, portanto, ser vitoriosa, se fôr acompanhada de difusão do A. B. C.

Enquanto não chegarmos a isso, tiremos partido dos nossos ruídos. Trata-se atualmente de ativar a corrente de turismo para esta cidade. Pois bem: aos turistas, que vivem buscando o exótico, anunciemos que o Rio, tem imensas belezas naturais, ótimo clima durante seis meses seguidos, excelentes hotéis e, além de tudo isso, é a cidade mais barulhenta do mundo.

UM DRAMA NA IDADE-MÉDIA

nhado o cavalheiro dos seus sonhos. Também êle veria, pela vez primeira, a dama dos seus pensamentos.

E, então, desmaiaram os dois, vítimas de um mal-entendido: E' que nem Guido era quem Isolda pensava, nem Isolda era aquela por quem Guido se tinha batido.

Tinham-se enganado nas miniaturas.

Stephen Leacock

Convence-te de que a morte nada tem de terrível. Se não é um bem, é pelo menos o fim dos males.

Catão.

Tônico dos velhos,
moços e crianças

TRICAS E FUTRICAS

O Sr. Juscelino tem-se mostrado muito tímido e prudente em matéria de nomeações. Hesitou longamente para escolher o Ministério. E, depois, fêz uma pausa para meditação que se está prolongando excessivamente. Não nomeou mais ninguém.

Juscelino Kubitschek

Só num setor do Govêrno têm surgido nomeações: no Ministério da Educação e Cultura. Mas, que nomeações! O sr. Clóvis Salgado revelou rara habilidade em escolher mal: até agora não nomeou um só auxiliar que merecesse a aprovação e o louvor da opinião pública.

Clovis Salgado

Cada uma nomeação do ministro Salgado é um desastre maior. No caso do Instituto do Livro, então sua infelicidade foi dobrada: nomeou primeiramente um livreiro de Belo Horizonte para substituir o diretor, Augusto Meyer. Como a nomeação causasse estranheza, anulou-a e nomeou um cronista de Rádio. A emenda foi pior do que o soneto. Ao lado disso, ostensiva preocupação de despejar do Ministério todos os baianos que lá entraram com os ministros Mariani, Simões Filho, Balbino e Edgar Santos; demitiu, implacàvelmente, Adonias Filho, Eugênio Gomes, Tude de Souza e mais demitiria se mais baianos houvera... Em compensação o sr. Oswaldo Teixeira continua sólido e firme! Que gênio, em matéria de más escolhas, o ministro Clóvis Salgado! E o sr. Juscelino, que tanto apreço tem pela inteligência, que dirá a isso?...

Antonio Balbino

◇

O sr. Lameira Bittencourt ficou muito irritado, num dia dêstes, na Câmara, quando um amigo do Pará, abrindo os braços cordeais para êle, exclamou:

— *Lameirão* amigo, venha de lá um abraço! E êle, muito vermelho, corrigindo:

— Nada de confusões: eu não sou Lameirão...

◇

O sr. Eugênio Gudin foi um mau ministro da Fazenda: reacionário, teórico, errado. Mas é um articulista hábil e interessante. Tem colocado, com os seus artigos, cada pedra no caminho do sr. Alkimin!...

Eugênio Gudin

◇

Ainda não se desenganou de ser ministro o sr. Josué Mucunã de Castro. Embora destituído do Diretório do P. T. B., êle continua a fazer fôrça. Agora, seu pistolão é o Sr. Álvaro Lins. O sr. Josué não larga o chefe da Casa Civil. Mas o diabo é que o sr. Álvaro Lins é de Pernambuco e conhece muito bem o caso da mucunã e outros casos.

Josué de Castro

◇

Ao sair do Municipal, após a abertura da exposição dos murais de Portinári, o sr. Hugo Napoleão exclamou:

— Haverá quem entenda isto?

— Há, sim, explicou o sr. Negrão de Lima: o Juscelino!

O sr. Hugo Napoleão ficou um pouco encabulado, mas não mudou de opinião.

◇

Dizem que o sr. Monteiro de Castro, que foi o chefe da Casa Civil do Presidente Café Filho (e ganhou, como prêmio, um belo cartório), entrou recentemente para o Proust Clube, e está lendo tôda a obra de Proust.

Comentário do sr. Tancredo Neves:

— O Monteiro está à procura do tempo perdido...

Tancredo Neves

◇

Depois de ter sido "Presidente" (e como o foi!), o sr. Nereu Quisling Ramos está agora reduzido à condição de cortezão do sr. Juscelino. No "hall" do Municipal, na noite de exposição dos painéis de Portinári, formou-se na escadaria uma guarda de honra par receber J. K.: o Brigadeiro Alves Sêca, o Almirante Alves Câmara, o Brigadeiro Araripoia, o general Magessi, o ministro Clóvis Salgado, o Embaixador J. C. Macedo Soares, e no meio dessa côrte, com aquela cara que Deus lhe deu, o sr. Nereu Ramos, sorrindo e batendo palmas!...

Nereu Ramos

J. C. Macedo Soares

◇

Bom deputado, o sr. Frota Aguiar. Honrado e bravo. Pena é que sua eloqüência não seja lá grande coisa. Mas se catatau é de pureza...

Frota Aguiar

◇

Quais os piores oradores do nosso Parlamento neste instante? O Pereira da Silva, vulgo pororoca? o Ketginaldo, tupiniquim profissional? Ou o Chico Macedo, o homem dos bestialógicos de legua e meia?

— Não, explicou o sr. Rui Santos: o pior orador do nosso Congresso é o Ultimo de Carvalho: quando êle fala o Juscelino fica com mêdo. As suas defezas comprometem e chateiam.

Pereira da Silva

Ketginaldo Carvalho

◇

O crime não compensa. E' verdade. Mas, no Brasil, o crime nem sempre atrapalha... Antes pelo contrário. Há juizes até muito tolerantes diante do crime — ou de certos crimes. Ao que se sabe, um juiz criminal tem permitido ao Tenente Gregório uns passeiozinhos pela cidade... Daqui a pouco êle reassume seu posto no Catete...

❖

Os inimigos do sr. Vieira de Melo (com o sr. Antônio Balbino à frente) descobriram que o líder da maioria publicou há tempo um livro de sonetos. E, para desmoralizá-lo, estão adquirindo exemplares dêsse livrinho na Bahia e os enviando aos deputados do P. S. D.

Vieira de Melo

— Que molecagem, seu Balbino! Isso não se faz...

❖

Declarações do sr. Dinarte Mariz numa roda no Senado:

— O Silvio enriqueceu no Govêrno. Mas deixou o Estado mais pobre...

IKE PERDEU 1%

O Instituto Gallup procedeu a um inquérito pouco tempo antes da doença do general Eisenhower, a fim de saber quais as disposições da população para as eleições presidenciais que se devem realizar êste ano. O resultado da consulta foi o seguinte:

Para Eisenhower ...	59%
Para Adlai Stevenson	37%
Sem opinião	4%

Supondo em seguida que a moléstia do Pesidente podia ter modificado o modo de ver de muitos cidadãos, Gallup tomou novamente o pulso da nação. Os algarismos apurados acabam de ser publicados:

Para Eisenhower ...	58%
Para Stevenson	39%
Sem opinião	3%

O coração do presidente não modificou muito o sentimento de seus concidadãos.

: ❖ :

A distinção do seu penteado exige algo ***bem*** acima do comum

a incomparável

ÁGUA DE QUINA PINAUD

- a única que evita a ANEMIA DOS CABELOS!

Não hesite! Rejuvenesça seus cabelos com a ação tonificante da perfumada Água de Quina Pinaud. E você ficará livre da caspa e da seborréa ao mesmo tempo em que dará aos seus cabelos maior resistência... maior brilho... maior beleza! A Água de Quina Pinaud é recomendada ainda para facilitar a variedade de estilo do penteado feminino. Para você, e para sua familia, adquira ainda hoje a notável Água de Quina Pinaud!

Escolha o tipo mais adequado para você:

Água de Quina Pinaud - **com óleo** Sem emulsão, fixa melhor! De fórmula farmacêutica francêsa, o óleo de preciosas plantas, contem finíssimos óleos, tão diversos que ficam ao mesmo

Água de Quina Pinaud - **sem óleo** Com as excelentes virtudes tônicas da quina, substitui, em todos os casos, qualquer outro cosmético. Excelente para a limpeza do seu

PINAUD *Paris* Perfumistas desde 1910

Linguas de prata

— Fui ao casamento da Efigênia. Com aqueles quadris muito largos e o véu de noiva por cima, parecia uma dessas camas antigas com cortinados.

O TÍTULO DE PIRATA

Quando passei pela rua do Ouvidor, naquele dia de chuva, vi-me forçado a entrar numa casa de negócios para evitar o despejo de uma nuvem mais abundante, que passava por cima dos telhados.

— Puxa ! Que carga !

Disse-me um senhor barrigudo e jovial que sobraçava uns embrulhos e entrara comigo na mesma loja.

— Esta é de inundar ! — Disse eu por comprazer.

Felizmente ! Só assim posso livrar-me de chegar cedo em casa.

Olhei o camarada, estranhando êsse começo de intimidade, mas êle não se deu por achado e continuou:

— Imagine o senhor que hoje deve ir lá em casa, procurar-me à hora do jantar, o rei dos piratas !

— Hein ?

— Sim ! O rei, o imperador ! O sujeito mais sabido do mundo ! Calcule o senhor que êsse gigante da pirataria quer que eu vá à Bahia vender uma fazenda de cacau que êle não possui e me dá por isso dez contos adiantados.

— Mas se o senhor não quer ir, posso ir eu em seu lugar, e até mesmo...

— Cale-se ! — Disse o homem dos embrulhos. — Se o senhor caisse nesse negócio iria para o xadrez.

— Tenha a bondade de explicar-se !

— Eu ? Não caio nessa ! O rei dos piratas é meu sogro. Foi minha sogra quem lhe deu êsse título...

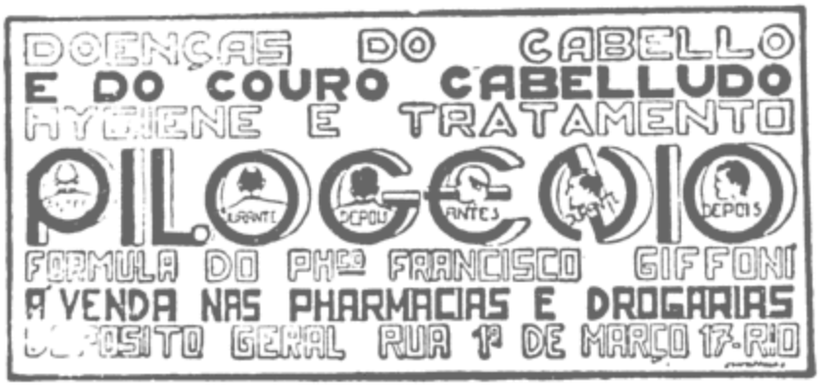
—x—

O RESSUSCITADO

Numa pequena cidade Suiça, nos arredores do lago de Constança, morreu, após breve enfermidade, um rapaz empregado numa padaria.

Na hora do entêrro, seu patrão colocou a tampa no caixão e foi buscar um martelo para pregá-la. Quando voltou, encontrou o "morto" de pé junto ao ataúde.

Então o rapaz contou sua tortura: vítima de catalepsia parcial, conservara tôda a lucidez e ouvira tudo, sem poder fazer qualquer movimento. Ouviu, dêsse modo, todos os preparativos para seu entêrro até que, à idéia de que ia ser fechado a pregos dentro do caixão encheu-o de tamanho terror que conseguiu vencer o torpor que o paralizara.



Agora o novo colarinho
quìmicamente engomado
com as pontas extra-rijas

Os homens inteligentes trajam corretamente, porque sabem quão importante é a boa apresentação para vencer na vida. Da indumentária masculina a camisa merece especial atenção. „TANNHAUSER" desde 1893 especializou-se em camisas. Mais de 60 anos de prática e os métodos mais modernos de fabricação estão a sua disposição nas belíssimas camisas

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

Jornalista português

TRABALHOS FORÇADOS

NA minha última visita a cidade de Ir... certifiquei-me mais uma vez de que a capital do Norte é uma escola de trabalho. Mas esta epopéia de atividade em cada poema tem o heroísmo de um esfôrço ingente, possui um preço que, em vez de pedir um herói para o divinizar, exige antes um Dante que descreva o Inferno de todos os dias, humilimos, onde o homem se nos apresenta como um animal de carga. Às seis da manhã, vi da janela do hotel mulheres trepando penosamente, com grandes cargas à cabeça, a subida difícil das tortuosas e infindáveis Escadas do Barrêto. À mesma hora igual caminhada trágica devia ter por cenário, na neblina britânica da cidade acordada para o seu vai-vem contínuo, os calhaus dos Guindais, vencida, degrau a degrau, a escadaria áspera dêsse calvário para quem ganha o pão que o diabo amassou. E lembrei-me de que na véspera, de manhã também, assistira mais uma vez a essa temerosa arrancada que, grimpando contra o mons-

tro do escalvado cômbro da Rampa das Corticeiras, desenha o mais angustioso friso das existências obscuras sobrepesadas pela fúria cruel de uma conserva de penitências. Refiro-me aos "carqueijeiros" que se arrastam como formigas carregando a carcassa de um besouro, galgando passo a passo a dolorosa e íngreme Rampa das Corticeiras — essas carreiras que desaparecem debaixo de volumosas manchas de carqueja, inundadas de suor, o rosto escarquilhado pela chicotada das intempéries, descalços, desafiando à torreira de um sol impassível que lhes põe no cansaço moreno duras de brasa. Algumas são varonis atléticas, musculosas. Mas outras são sombras que rastejam, velhas que cêdo murcharam as galas da juventude nessa tarefa do dia a dia levada de anos e anos na mesma labuta dorso acorcundado pela brutalidade dos cargos. Aquela ladeira resume tôda a vida dessas mulheres sem história, obscuras figuras de um épico vulgar. Mas participam da grande sinfonia de trabalho que é a cidade do Porto. Serão talvez as notas mais baixas dessa sonata que as primeiras horas da manhã embala a bruma e a cidade com seu sussurro metálico. Mas as respirações ofegantes, os gemidos pesados, mas gritos inexpressivos, faz-se um clamor humano, grito que ninguém ouve, soluço que mal range o seu "miserere" cruciante — perdido no vozear confuso dos primeiros bocejos matinais.

AS MAIS CURIOSAS *NOTICIAS*

Vera Cruz — Procedendo a um inquérito nas salas de espetáculo, o Dr. Miho Daigo verificou que nos "music-halls" da cidade, a temperatura sobe dois graus quando as "girls" ocupam o palco durante mais de quatro minutos.

Imigração

Um dos elementos coreanos, ao falar agradecendo o que a Índia e o Brasil fizeram por êles.

recomendações sôbre a importante tarefa que teriam de enfrentar no Brasil, desejando a cada um, em particular, muita felicidade na nova terra em que em breve ingressariam.

O Secretário do Exterior, Mr. Datt, apertando a mão do Embaixador Ildefonso Falcão depois de ambos terem falado, na recepção oferecida aos coreanos, na véspera da sua partida, rumo ao Brasil.

Estamos recebendo, vinda de acampamentos próprios na Índia, uma leva de imigrantes coreanos, que para cá vêm a fim de estabelecer-se na agricultura e em outros misteres.

São todos imigrantes selecionados, que preferiram emigrar a voltar para seu país, vítima de agressão comunista.

Por ocasião da despedida, um dêles, o orador da turma, fêz uso da palavra para agradecer, em nome de seus companheiros e no seu próprio, o que o Brasil e a Índia por êles fizeram.

O adeus teve lugar no Jardim da Embaixada do Brasil em Nova Delhi, presentes o Secretário do Exterior, o Embaixador Ildefonso Falcão, o General comandante do Acampamento e outros oficiais indianos e estrangeiros.

Após a leitura do discurso de despedida, foi o chefe da nossa representação diplomática na capital da Índia cumprimentado por todos os imigrantes, aos quais o Embaixador Ildefonso Falcão fêz as últimas

Um grupo maior de coreanos entre o Secretário do Exterior, o Embaixador Ildefonso Falcão, o General Comandante do Acampamento e outros oficiais, nos jardins da Embaixada do Brasil, em Nova Delhi.

Por todos os cantos só se viam destroços das casas destruidas, de permeio com mobilias e utensilios caseiros.

As pequenas casas operárias, pela fragilidade de sua construção, foram particularmente atingidas.

Uma dentre as numerosas vitimas da terrivel catástrofe é retirada, sem vida, de entre os escombros dos prédios derribados.

Pavorosa Catástrofe

O LITORAL de São Paulo foi varrido, nos primeiros dias dêste mês, por forte temporal. Os efeitos do furacão foram particularmente violentos na bela e progressista cidade de Santos, onde o vento e a chuva causaram numerosas vitimas e considerável número de desabamentos.

Cêrca de dezoito casas, das ruas Godofredo Fragata e Bento da Silva, foram soterradas por parte do Morro de Santa Teresinha que, em conseqüência da chuva torrencial, desabou.

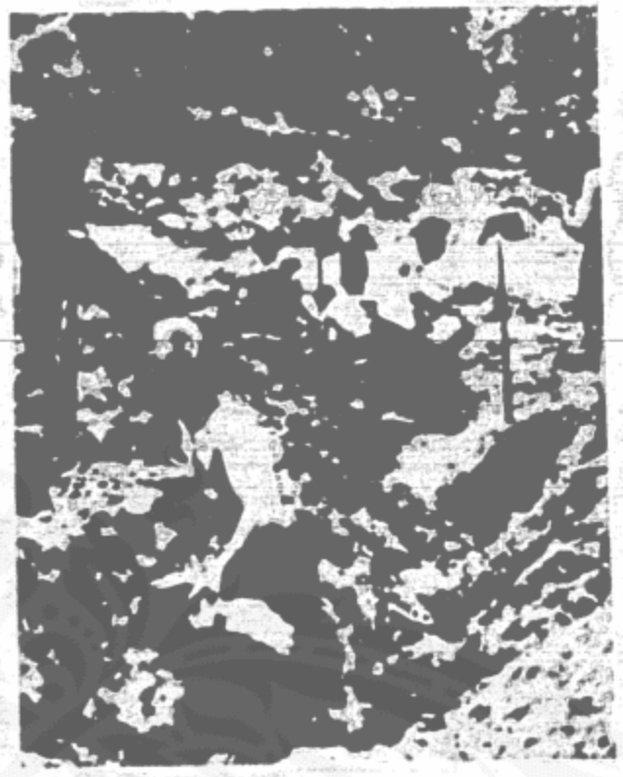
A cidade de Santos acaba de sofrer uma das maiores desgraças de sua história, posto que o número de vidas nela desaparecidas se eleva a mais de três dezenas, fora os consideráveis prejuizos materiais.

A parte mais atingida pelo furacão foi o bairro de Marapé, conseqüência do desmoronamento de parte do morro ali existente. Naquele bairro, residência de famílias da classe média, foram encontrados, sob os destroços das casas desabadas, jóias, cofres, móveis finos, objetos de valor e até elevadas quantias em dinheiro, tal como foi o caso de uma bôlsa de senhora, que continha nada menos de noventa mil cruzeiros.

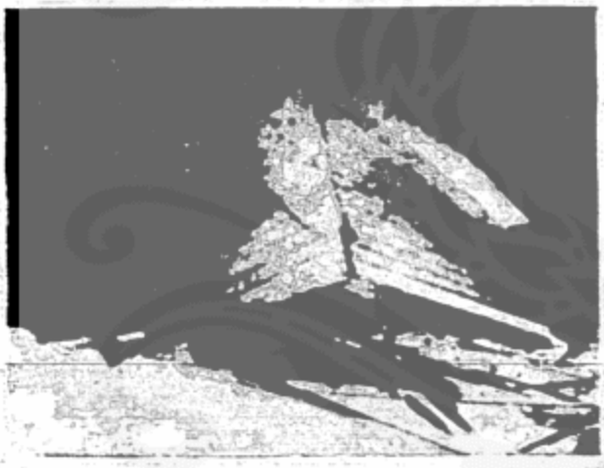
Sob o vendaval e o aguaceiro, os valentes bombeiros de São Paulo trabalham na remoção dos escombros.

Numerosos lares foram reduzidos a montes de destroços, como o que aparece na fotografia.

O governador Jânio Quadros foi dos primeiros a chegar ao local da tragédia.

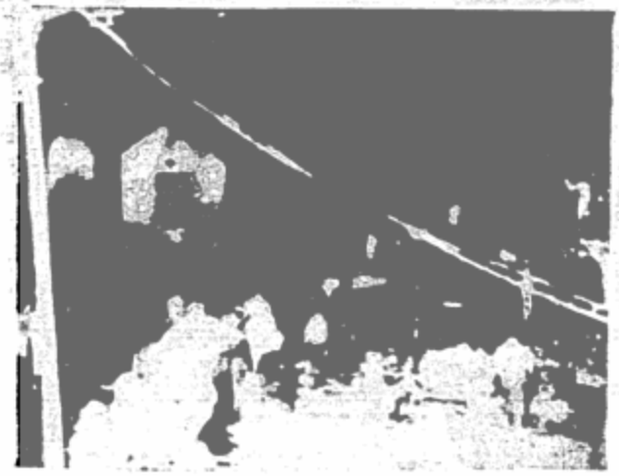


Soldados da Fôrça Pública participaram dos trabalhos de salvamento.

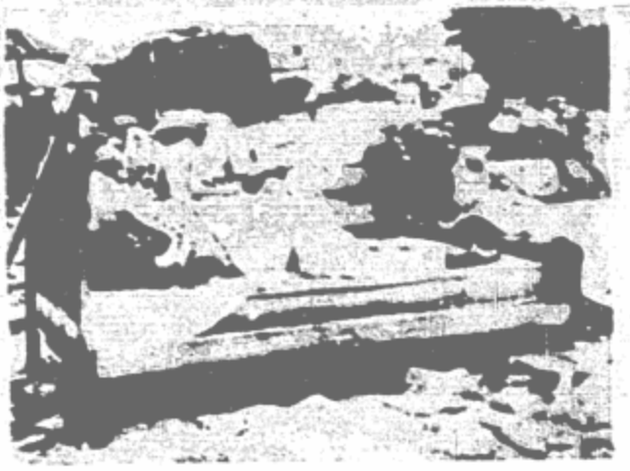


Casa proletária atingida pelo furacão.

O vendaval varreu as casas proletárias como se fôssem de papelão.



Local particularmente açoitado pelo tornado.



Com alguma despeza esta cama poderá ser recuperada.

Betty Gane Howarth, John Agar e Leigh Snowden aperfeiçoam suas belas vozes com o professor de canto da escola.

Mara Corday (de maiô), sob a direção do professor de dramatização (o que tem o pé sôbre a cadeira), mostra aos alunos como se devem portar diante da câmara cinematográfica.

Exercícios físicos cotidianos para conservar nos jovens artistas bôa saúde e formas impecáveis.

Mara Corday e o professor de dança mostram aos alunos como se deve dançar o clássico.

Tony Curtis e Julia Adams palestram com seus jovens colegas, ministrando-lhes conselhos preciosos que só a prática concede.

Depois dos exercícios de ginástica, os estudantes recolhem-se ao ônibus da Universal a fim de trocar de roupa.

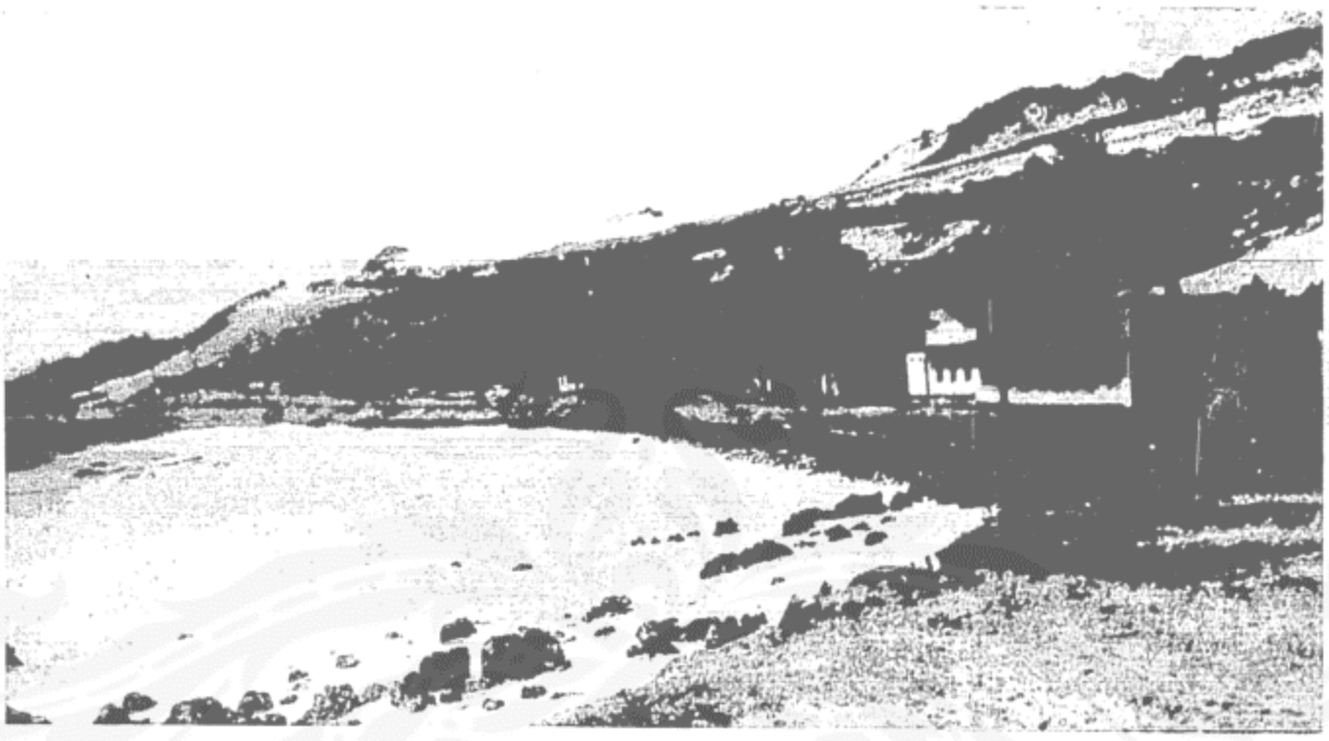
Os exercícios de box são diários e neles tomam parte todos os jovens aspirantes a "astros"

Em trajos apropriados as futuras estrelas se dedicam à equitação.

Escolas de Cinema

Há quem se admire do considerável número de famosos artistas que o cinema americano possui. A crença geral é a de que é isso devido ao fato de pagarem os mais altos salários fabulosos. Embora tal não deixe de em parte ser verdadeiro — (os norteamericanos vão buscar alhures todos os grandes artistas que aparecem) — não é menos verdade que a grande maioria de astros e estrelas de Hollywood é mesmo de nacionais. Os Estados Unidos possuem, neste momento, a mais formidável equipe de artistas de cinema, e isso tanto é devido aos régios salários que pagam, como, e principalmente, em conseqüência do carinho com que as emprêsas cinematográficas de Hollywood, e com especialidade a Universal International, se dedicam ao preparo dêsses artistas. Se não fôssem as escolas que essas emprêsas mantêm para o aperfeiçoamento dos candidatos à glória e fortuna no cinema, não seria possível à indústria cinematográfica do norte do continente dominar, como o fazem, o mercado internacional de fitas cinematográficas..

São da Escola Universal International as fotos aqui publicamos.



Vão posso passar muito tempo sem lhe sentir a luz dos dias de sol e o perfume dos cajueiros, sem rever as côres, o verde dos pomares e a alvura das dunas.

Impressões Indiscretas e Sentimentais ..

Umberto Peregrino

MINHAS férias, se sois meu leitor, meu heróico leitor, já sabeis o que fiz delas: fui a Natal, que não posso passar muito tempo sem lhe sentir a luz dos dias de sol e o perfume dos cajueiros, sem rever as suas côres, o verde dos pomares e a alvura das dunas, sem conferir os seus progressos, sofrer pelas omissões, erros ou maldades dos seus administradores, tomar café com tapioca, cuscuz e grude, comer peixe com côco acompanhado com mangaba, espiar o rio Potengi do cruzeiro do Rosário, ir à Feira do Alecrim e ficar doido, com vontade de comprar coisas que precisaria de um ano para comer ou de um navio para transportar, ouvir o apito dos trens na curva do Oitizeiro, abraçar amigos, ver meu nome no jornal, visitar meus mortos queridos.

Pois bem, fiz tudo isso e muito mais que vos não digo, para que não caçoeis das ingênuas ternuras com que me entendo com a minha cidade. Posso, em todo caso, transmitir-vos algumas impressões objetivas sôbre pessoas e coisas com que tive contato em Natal.

Praia do Meio

– Túlio, você ?

Era Túlio Fernandes, companheiro de infância que perdera de vista desde que me ausentara de Natal, aos 18 anos. Agora, vim encontra-lo deputado à Assembléia Estadual, quase avô e dono de uma casa na Praia da Ridinha. Não lhe invejo a deputança, a casa invejei muito. Quanto ao neto em andamento... Bem, Túlio começou muito cêdo e a menina, sua filha, apressou-se a ponto de casar no mesmo dia em que recebia o diploma da Escola Doméstica.

Na casa de Túlio Fernandes, na Ridinha, come-se peixe com côco e dôce de cajú. Nas rêdes da varanda é uma gostosura ouvir Chicuta

Cutanos perdidos, à tarde, numa praia de Natal, deixando perceber a ação erosiva das ondas do mar

Nolasco (é a espôsa do Tulio) esbanjar inteligência e paixão política...

O Comandante do Regimento de Artilharia Anti-Aérea é o Ten. Cel. Reinaldo de Almeida. Não podia haver aquisição melhor para a guarnição de Natal.

O Cel. Reinaldo realiza grande obra administrativa no quartel da Praia da Limpa. Dota a Unidade de instalações que lhe garantam a eficiência, ao mesmo tempo que se preocupa com a fixação e o bem-estar de seus auxiliares. Então, lá estão surgindo casas residenciais para sargentos, construidas administrativamente, pela metade do custo orçado pelos órgãos competentes...

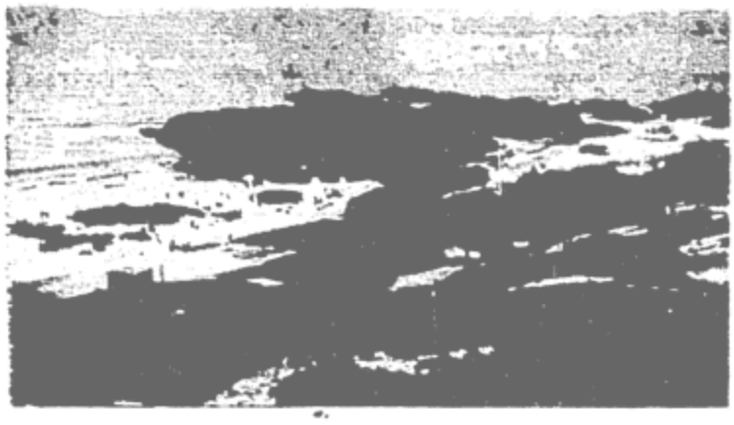
Enquanto isso, imprime nota de bom gôsto às instalações, cujas estradas de circulação guarnece de canteiros ajardinados e de arvores regionais.

Valem muito, não há dúvida, homens de ação, quando a inteligência, o bom gôsto e o espírito público os acompanham.

A única coisa que resta do velho Ateneu — que agora se chama "Colégio Estadual" e habita o Instituto de Educação, enquanto o antigo predio foi ineptamente substituido, sob o disfarce de reforma — é o *Bar Ateneu*, que se instalou nas proximidades do Instituto.

E' desconcertantemente paradoxal que uma tradição de cultura, tão aprofundada e de tanto lustre na vida de Natal, tenha sobrevivido apenas numa iniciativa comercial... Minha gratidão e meu respeito ao criador do *Bar Ateneu*. Não o conheço, não lhe sei sequer o nome, mas para mim é um benemérito. Que Deus ampare o seu negócio, consolide-o, dê-lhe resistência de perenidade, a fim de que não desapareça de Natal a memória do Ateneu.

✧



Praia do Meio

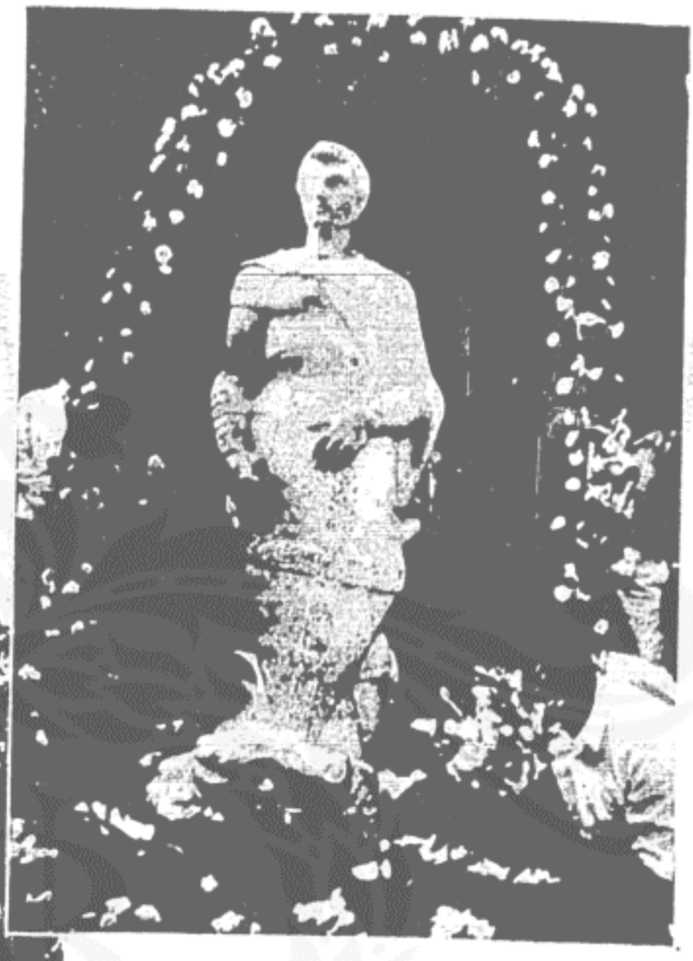
Vida Religiosa

Com a presença de grande número de devotos, realizou se, recentemente, a entronização da imagem de São Jorge, no edifício da Câmara Municipal

A estatua do santo é da autoria do escultor Tito Bernucci, o qual se inspirou em idêntica imagem existente na Itália.

Coube a D. Helder Câmara, bispo auxiliar do Rio de Janeiro, presidir às solenidades da trasladação da imagem do Santo, da igreja da Praça da República para a Câmara dos Vereadores.

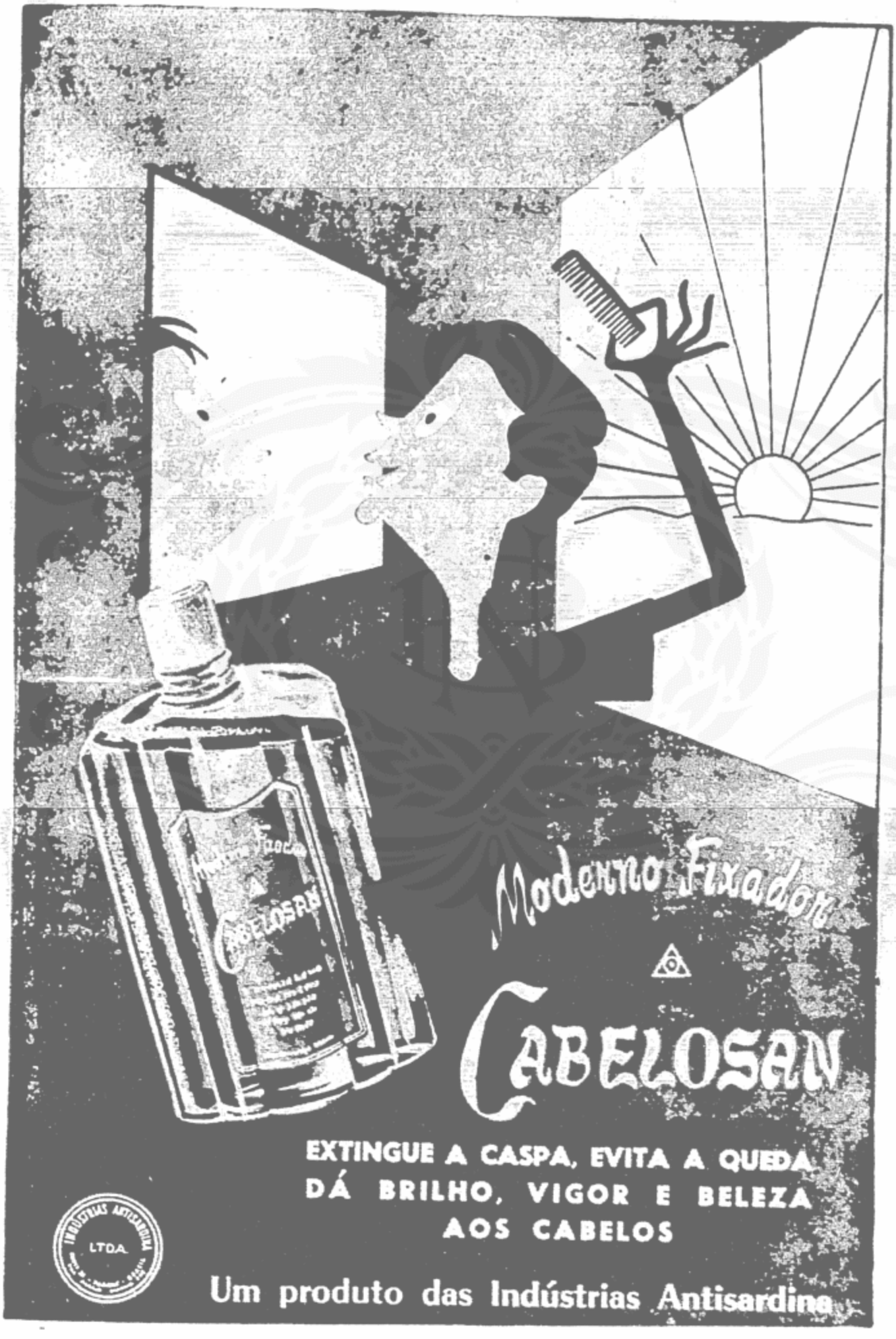
Autoridades presentes à solenidade.



A imagem de São Jorge

Grupo de crianças da Escola de São Jorge

D. Helder Câmara ao proceder à intronização da imagem de São Jorge na Câmara Municipal


Moderno Fixador
CABELOSAN
EXTINGUE A CASPA, EVITA A QUEDA
DÁ BRILHO, VIGOR E BELEZA
AOS CABELOS
INDÚSTRIAS ANTISARDINA
LTDA.
Um produto das Indústrias Antisardina

REQUINTE DE POLIDEZ

Marcel Achard assistia, em companhia de sua senhora, à *première* da peça de um jovem dramaturgo muito moderno. A ação era lenta, aborrecida; os atores medíocres. Logo no primeiro entreato, Marcel Achard dirigiu-se com passo firme para o vestiário. Mas sua mulher segurou-o pelo braço:

— Não se pode fazer isso — disse ela — Não se esqueça de que somos convidados. Seria falta de polidez.

Após longo suspiro, o autor de *Jean de la Lune* voltou ao seu lugar. No meio do segundo ato, entretanto, levantou-se, o sobrecenho carregado.

— Aonde vai? Perguntou inquieta a senhora Achard.

— À bilheteria. Quero pagar as entradas.

: ✧ :

RECADO TELEFÔNICO

Jean Gabin telefonou recentemente a um amigo, para tratar de um negócio importante. Voz de garoto respondeu do outro lado do fio:

— Papai não está.

— Está bem. Diga-lhe que seu amigo Gabin lhe telefonou.

— Digo-lhe que quem telefonou?

— Gabin... — repetiu pacientemente o famoso ator — Jean Gabin o chamou.

— Sim — confirmou a vozinha — Mas espere um instante, enquanto pego lapis e papel.

Ao fim de alguns segundos, a voz de garoto voltou ao fone:

— Como se escreve Gabin?

O artista suspirou e começou a soletrar:

— G — a — b...

Silêncio do outro lado, depois:

— Por favor, diga-me como se faz o G...

: ✧ :

ÔLHO POR ÔLHO

No último momento, o coronel israelita passa em revista o desta

Os Bugres

— Até que enfim êles se lembraram de nós.
— E' verdade: mandaram-nos balas!

camento designado para operação de contra-ataque.

— Como te chamas ? — Perguntou a uma praça de olhar feroz.

— Mordekei, meu coronel.

— Estás decidido a bater o inimigo ?

— Oh ! Claro, meu coronel.

— E tu ? — Perguntou o oficial ao soldado seguinte.

— Liquidarei dois, meu coronel ! — Respondeu convictamente o outro.

— Nesse caso — sugeriu timidamente Levi, o vizinho — creio que não preciso ir.

: ◇ :

AMERICANOS EM BERLIM

Num "café" de Berlim, alguns soldados americanos riem em sonoras gargalhadas, contando anedotas de alemães, nas quais êstes se chamam sempre Franz e Fritz.

Dois alemães, que estavam numa mesa próxima, não puderam reprimir sua revolta e um dêles diz:

— *Acho de muito mau gôsto as vossas graças, senhores! Quem os ouvir há-de julgar que na nossa terra os homens se chamam todos Franz ou Fritz. Ora, a verdade é que na Alemanha há nomes lindíssimos, que não são nenhum dêsses. E, voltando-se para o companheiro:*

— *Não é verdade, Franz ?*

— *E' verdade, Fritz !* — *respondeu o outro.*

• ◇ •

BEM INFORMADO

O homem de negócios fitou o jovem que se apresentou cheio de esperança:

— Então, o senhor quer trabalhar comigo ?

— Sim, senhor; li seu anúncio no jornal.

—◇—

Mudança

SEGURANÇA !

com o óleo para freios

DINAMIC

fluido genuino para freios hidraulicos

SECÃO DE BATERIAS E FREIOS

MESBLA

R. JANEIRO — S. PAULO — P. ALEGRE — B. HORIZONTE — RECIFE
SALVADOR — PELOTAS — NITERÓI — NATAL — MARILIA

◇

— Bem ! Conhece alguma coisa da minha atividade ?

— Oh ! Sim ! — Oh ! Sim ! Sou o namorado de sua secretária.

— Êles agora tomam chimarrão ?!

— E' verdade. Não querem ouvir falar em café . . .

17-3-1956

O Tímido

CHAMAVA-SE Saraiva mas estava arrependido. Era tímido e fraco. E assim foi sempre.

Nasceu minúsculo, insignificante, desajeitado. Na escola foi dêsses rapazinhos quietinhos, que levam sempre castigos por conta das maroteiras dos outros e a quem os colégas, camaraduchas, furtam cotidianamente a marmelada do lanche. E continuava a ser pequenino, insignificante, minúsculo...

E assim foi crescendo, crescendo, mas só no sentido biológico da palavra, porque, lá por dentro, Saraiva continuava a considerar-se pequenino, insignificante, minúsculo... Fêz-se homem e a mania tomou caráter mais agudo. Seu pai, sujeito muito conhecido na cidade por dedicar-se a operações de "a bôlsa ou a vida" queria que se formasse êle em letras maiúsculas; mas a mãe embirrou que o rapaz havia de seguir o comércio e êle inclinou-se para o desejo materno. Tinha o complexo de Édipo, como não podia deixar de ser, no protagonista de uma novela moderna, a arrancar ao difícil.

Dedicou-se então a fundo ao comércio. Empregou-se numa casa de fundos para quebraduras, mas a casa faliu. A pouca sorte perseguia-o furiosamente. Quando soube que fôra despedido, saiu tresloucado. No auge do desespêro, mordeu-se e enfiou uma vareta de chapéu de chuva no ôlho de um polícia. Houve gritos, juntou gente, quiseram linchá-lo. E o pobre Saraiva, todo metido em si próprio, encolhido, lá foi para a delegacia mais próxima, arrastado pelo braço da autoridade, pagar caríssima a única vez que se irritou na vida... Quando saiu vinha mais triste, mais insignificante, mais digno de dó. Empregou-se como ajudante da seção de correspondência de uma grande casa comercial. Entrava no emprêgo rigorosamente à hora e, enquanto os outros não vinham, ali estava sentado, sózinho, a pensar na imortalidade da alma. Obedecia cegamente ao chefe e tôda gente achava que lhe ficavam muito bem êstes sentimentos. Trabalhava extraordinàriamente. Suas funções resumiam-se nisto: De vez em quando o chefe levantava a cabeça da secretária e ordenava com modo tão imperativo que até fazia impressão:

— Senhor Saraiva, aproxime-se e deite a língua de fora!

— Pronto, senhor Codinho — respondia o Saraiva com uma data de paciência na voz.

E, amarfanhado no seu fato preto, o grande nariz de cêra a pingar-lhe sôbre o lábio superior, submisso, lastimável, com o sorriso doloroso e forçado da bailarina que dança em pontas, ia pôr-se, de língua de fora, junto ao chefe. Calmamente, êste molhava nela os selos que havia de colar nas cartas.

Não, o trabalho não era difícil! Mas o diabo era que o escritório do Saraiva expedia a média de trezentas e cinquenta cartas por dia!

— Por que é que o senhor está a olhar tanto? Gosta do meu avião?

— Gosto, sim, senhora! Mas gosto, principalmente, do aeroporto...

Na rua era tão humilde como em casa ou no escritório. Custava-lhe ter de atravessar um ajuntamento. Lia-se-lhe nos olhos a pergunta - "incomodo"? Se ia na plataforma cheia de um bonde e alguém tentava entrar, Saraiva encolhia-se, minguava todo dentro do terno preto, como a querer dizer: — Pode subir! Eu cá, por mim, não ocupo espaço...

E esta foi sempre sua preocupação: Não ocupar espaço nem ser pesado a ninguém.

O pai morreu, deixando-lhe no peito uma saudade pungente e na mercearia uma conta que vinha desde os tempos das lutas liberais. A mãe, pobre senhora que sabia de cor os seus deveres de espôsa, foi-lhe na pegada. Saraiva ficou só no Mundo. Fêz-se então mais pequenino, mais humilde, mais insignificante. Todo o seu aspeto parecia dizer:

— Eu cá não ocupo espaço, não sou pesado a ninguém...

Foi então que se casou para poder dizer que tinha feito grande asneira na vida. A história dos seus amores é insignificante como êle próprio. Foi num dia de Verão, num trem de subúrbio. Ela ia com a mãe e com uma mala na mão. Levava um vestido de cetim fulgurante, muito justo ao corpo, que, desde logo, fêz a Saraiva revelações importantes. Olharam-se. Tornaram a olhar-se. Olharam-se outra vez. Chegaram à fala e êle veio a saber tudo quanto o seu amor exigia: Que a pequena tinha dezoito anos, uma alma tão delicada que parecia de papel de sêda e uma tia rebarbativa com cara de tratado de filosofia em segunda mão.

Amaram-se e casaram-se. Mas, seguindo de perto os primeiros dias de felicidade, vieram as discussões que ela constantemente provocava: êle sofria, acusando-se de causador destas desavenças, e saía logo, humildemente, sem uma resposta mais áspera nem um gesto mais desabrido.

— Não te zangues! filha, eu

saio. Eu não ocupo espaço, não sou pesado a ninguém !...

. . . . . .

. . . . . .

Saraiva morreu de uma apoplexia, por ter pisado um senhor que usava sapatos de polimento e um calo agravado. A vítima do pé do Saraiva só disse, afagando a perna:

— Arre, que o cavalheiro é bruto !

Saraiva começou a empalidecer e morreu. Venho do entêrro. Inchou tão extraordinàriamente que tiveram de mandar fazer caixão de encomenda. E pesava que eu sei lá !

Pobre Saraiva ! Parece que ainda o estou a ver:

— Eu não sou pesado a ninguém !...

— ◇ —

O TALISMÃ DO IMPERADOR

Napoleão I era, como todos sabem, muito fatalista e tinha enorme fé num anel que sempre usava. Quando abdicou em Fontainebleau, em 1814, após ter tentado envenenar-se, disse ao Dr. Corvisart, seu médico, que não era possivel morrer.

Ao fazer o que fiz — afirmou — não me lembrei do meu talismã.

Ao dizer isto, mostrou o anel, cuja origem é ignorada.

Depois de sua morte, a jóia passou à rainhha Hortência, que a ofereceu mais tarde ao príncipe Luis.

Napoleão III foi o único que usou o anel, a que os seus cortezãos chamavam "anel do imperador", juntamente com outro que sua mãe lhe legara. Tinha por hábito, quando estava falando com alguém, tirar e por os anéis, o que deu lugar, algumas vêzes, a que caissem no chão e dessem trabalho para ser encontrados.

Por sua morte, pensou-se em entregar êsses anéis ao príncipe imperial. Ao irem tirá-los, quando Napoleão III estava no ataúde, o jovem príncipe opôs-se, dizendo:

— Não quero furtar meu pai.

Por isso o talismã de Napoleão I permanece no mausoléu de Chislehurst.

O anel ficou célebre, mas nunca foi possivel saber-se por que motivo Napoleão o estimava tanto nem as razões que tinha para considerá-lo talismã.

— ◇ —

A MULHER DO CHICO

Uma nova infeliz: faleceu a mulher do Chico. Essa pobre senhora, que agüentou o Chico durante mais de vinte anos, acaba de entregar os pontos e desistir da luta desigual.

Quando me comunicaram a funesta ocorrência, eu me apressei em ir verificar o fato com meus próprios olhos, e isso porque era possível que o Chico inventasse êsse plano para arranjar dinheiro...

Deu mau resultado minha falta de confiança na veracidade da notícia. Chico agarrou-me, a chorar como um bezerro desmamado, e fêz questão de que acompanhasse o cadáver até sua primeira morada fixa no Rio, depois da lei do inquilinato.

Que remédio ! Mas eu, que tinha sôbre a mulher do Chico a melhor das opiniões, que era capaz de redigir-lhe a mais expressiva inscrição na pedra tumular, saí do cemitério esbaforido, ruminando pragas horríveis e passando na desastrada senhora tremenda descompostura.

Arre ! Para o diabo que a carregue !

A terrível matrona, ao morrer, estava pesando noventa e seis quilos ! Com o caixão etc., eu agüentei mais de cem, só do meu lado !

— ◇ —

MODÉSTIA

Eleitora indiscreta perguntou, recentemente, a Mendès-France:

— Alguém de sua família conseguiu fazer casamento brilhante?

— Sim — respondeu modestamente o ex-premier francês — minha mulher.

ANTES
E
DEPOIS
UTEROGENOL
SUPER
REGULADOR

No restaurante

— Que nome tem êste vinho?
— Por que quer saber?
— Porque está batizado. Deve, portanto, ter algum nome...

PRETE'RITAS

Foi na extinta livraria Quaresma, o velho *sébo* da rua São José, que nos fornecia, a preços irmãos das nossas bôlsas, o ambicionado, o delicioso, o imprescindível pão do espírito, em continentes mais ou menos puidos, mais ou menos bichados — os livros de segunda mão — sombria e malodorante loja, hoje substituida por prosáico armazém, que serve aos estômagos carissimas comidas enlatadas, chorudos páios e bacalháus desidratados.

Ali pompeava, nos últimos tempos, sua ruidosa ignorância o velho Mattos, um casca-grossa que pelo trato parecia um cavalo e era, no fundo, uma bela alma cheia de compreensão e de ternura.

Foi nesse antro, em cujo bafio sufocavam meus amados poetas, meus prosadores e sábios mais queridos que, numa tarde, enquanto corria olhos e dedos pelas lombadas meio descoloridas dos pobres volumes tresandantes não raro a urina de gatos, daqueles gatarrões ali postos de vigia aos noturnos visitantes que lêem os livros com os dentes, foi ali que encontrei, a arengar, um velho rubicundo, de vago aspeto de perú, metido num terno de brim muito achamboado, com a barba por fazer e unhas encardidas.

Inflamado das próprias palavras, tinha os olhos exorbitados e intumescidas as cordovêias e o dedo magro, espetando o ar, pretendia impôr a opinião do dono, como a pistola do assaltante da madrugada exige a bôlsa do passante retardatário.

Nada retive de tudo que impingiu a um auditório, que não era de basbaques, o grotesco impingidor de opiniões. Meu pensamento andava por outras coisas. Uma frase, porém, ferindo-me os ouvidos como estouro de granada, fêz-me voltar o rosto e observar melhor o tipo que a proferia. Dizia êle que "escrevia melhor que Rui Barbosa".

Procurei identificar o grulha. Informaram-me que era o trovador Catulo Cearense.

: ✧ :

Um conto que publiquei em livro, ali por 1931, foi julgado muito favoràvelmente pelo grande João Ribeiro. Apenas uma restrição. Achava o eminente crítico que o trágico desfêcho me fôra inspirado pela atualidade da crise "que desarvorou tantos espíritos, outróra lúcidos e equilibrados, sob o impulso da miséria súbita."

João Ribeiro enganava-se. Não foi a crise de 1929 que me forneceu a "catástrofe" do conto. O alamiré deu-mo a tragédia em que sucumbiu o irmão de um meu companheiro de colégio, em tempo bem mais recuado, quando não havia crises, nem desempregos, nem insanáveis dificuldades de vida.

: ✧ :

Um poeta *sensual* como Bilac não devia nunca meter-se a filosofar, muito menos incidir no pessimismo do velho Eclesiastes. Mesmo na melancolia do entardecer. Depois do erotismo das *Sarças de fogo*, o nihilismo da *Mis-*

GRIPES ? TOSSES ? BRONQUITES ? ASMA ? COQUELUCHE ?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDÚSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres, 416 — Bonsucesso — Fone: 30-5540

são de Purna e o ascetismo da *Tentação de Xenocrates*, são um insulto à Vida tão amada pelo exaltado volutuoso de *In extremis* e anunciam já o *Diálogo*, soneto da última fase, cujos lindos versos não escondem a vulgaridade das negações...

Diálogo é, em Bilac, uma apostasia.

Sylvio Figueiredo

— ✧ —

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Singapura — Fonk Kun Mak, respondendo a processo por causa de suicidio malogrado, explicou em pranto aos juizes as razões do seu ato: tinha motivos de sobra para despedir-se do mundo, sua primeira mulher morrera, a segunda o abandonara, carregando alguns milhares de dólares, tanto em dinheiro quanto em jóias, o jovem de quem se tornara noivo desapareceu de repente, sem deixar vestigios, levando também soma importante que estava no cofre e tôdas as jóias que lhe havia dado.

Londres — O tribunal concedeu divórcio a Albert R. Killeen, por ter provado que sua mulher lhe atormentava a existência, recordando-lhe vinte vêzes por dia que êle era dezoito centimetros mais baixo do que o primeiro marido dela.

—◇—

A LÂMPADA MARAVILHOSA

APÓS infinidade de experiências, que lhe consumiram a parte mais preciosa da fortuna e da vida, conseguiu, afinal, o Dr. Justiniano Alves de Sampaio, o modêlo definitivo da sua lâmpada maravilhosa.

Obtido êsse aparelho engenhosissimo, destinado a revolucionar as ciências físicas e psíquicas, instalou-se o glorioso inventor em uma sala no terceiro andar do "Jornal do Comércio", colocando à porta um botão de campainha que se correspondia com a lâmpada. Segundo seus cálculos e experiências preliminares, o foco elétrico devia tomar maior vulto, maior intensidade, tôda vez que tocasse no botão, fora, um homem de caráter ou uma senhora de honestidade irrepreensivel. Em caso contrário, a lâmpada reduziria sua luz, seu brilho, na proporção dos defeitos e pecados da pessoa que tocasse.

Posta a funcionar a máquina curiosa, o Dr. Justiniano fechou, anteontem, a sala, e esperou. Anoiteria já quando o extraordinário inventor ouviu passos de alguém que se aproximava da porta. A lâmpada, suspensa sôbre sua cabeça, fulgia serenamente. A campainhia soou e, à medida que tilintava, a luz da lâmpada ia esmorecendo, até que, de todo, se extinguiu...

O inventor abriu a porta.

Do lado de fora estava de pé, calçando as luvas, Mme. Justiniano Alves de Sampaio, que ia buscá-lo para jantar...

Humberto de Campos

UM BOM PENTEADO
ÓTIMA APRESENTAÇÃO

WELLA

Não esqueça êste preceito! Lembre-se de que os seus cabelos também podem realçar a sua personalidade.
Use, pois, pela manhã, o especifico creme

WELLAFORM

e apresente-se sempre impecàvelmente penteado, com os cabelos brilhantes e protegidos.

WELLAFORM – *creme para pentear, à base de Kolestral*

à venda em tôdas as casas do ramo

A BIBLIOTECA

MEU excelentíssimo amigo senhor Lourenço da Assunção e Silva, que primeiramente foi pedreiro depois mestre-de-obras e hoje é proprietário de uma bôa dúzia de prédios aqui no Rio, prédios que valem, segundo se diz, para cima de cem mil contos, vinha há dias descendo vertiginosamente a rua Camerino, no seu estupendo "Cadillac", quando quase me ia atropelando. Escapei por um triz!

Regressava eu a casa após um dia de trabalho exaustivo no escritório do sr. Simões, em cuja baiuca vegeto desde há quinze anos, sobraçando, como de costume, uns velhos calhamaços bolorentos, e ia tão entretido a engendrar cá um enredozinho para um conto, em que pudesse meter a ridículo os novos ricos, "feitos a martelo" nestes tempos de inflação, que quando dei pelo luxuoso automóvel do meu excelentíssimo amigo senhor Lourenço da Assunção e Silva, estava êle prestes a passar-me sôbre o magro corpo...

Foi um susto de todo o tamanho, ao qual sucedeu um palavrão do Lourenço (pedreiro), logo seguido dum sorriso simpático do meu amigo Lourenço Silva (mestre-de-obras), e, finalmente, rematado por um estreito abraço do meu excelentíssimo amigo Lourenço da Assunção e Silva (abastado capitalista).

Ali estive encostado à ombreira duma porta estreita, pálido como um círio, esfregando a perna no sítio tocado pelo paralamas do auto, já a pensar em fêmures fraturados e amputações. Mas, felizmente, a carga tinha passado, sem consequências de maior monta.

Entretanto, o excelente amigo Assunção e Silva saía sorridente do auto, batendo a porta com fragor, dirigia-se para mim de braços abertos e naquele vozeirão de garganta requeimada pelas evaporações cáusticas da cal e argamassas, exclamava:

— Eh Silveira! Então como arranjaste tu isso, meu velho?! Foi uma "tangente" catita, hein!...

— "Tangente"?... Perdão! — retorqui, continuando a esfregar o sítio da pancada — "Secante"! "Secante" é que foi!...

— Secante!?... — admirou-se êle, olhando-me fixamente após o abraço — Secante é material de pintores! A que propósito vens tu citar isso?

— Ah!... desculpe, meu caro senhor Silva! — atalhei, receoso que êle levasse a palavra à conta de troça — Eu quis dizer: secante... Sim, referia-me ao termo geométrico.

— Percebo! E' coisa lá dessas tuas ciências! Quando é que largas essas literatices e aprendes a ganhar dinheiro?...

E pegando-me num braço, puxou-me até junto do carro, ao mesmo tempo que dizia:

— Afinal, onde ias a estas horas com todo êsse ripanço?...

— Para casa. Moro agora ali em Santo Cristo.

— O quê? Para casa já? Isso é que não vais! Hoje jantas comigo!

— E' muito incômodo para si, amigo e senhor Silva! — Recusei, afastando-me — Já estou perto; é um instante...

— Ou entras ou largo-te de vez, volto atrás e passo definitivamente com o carro por cima de ti!

Alternativas destas — são para decidir-nos...

Instantes depois rolávamos, velozes, Avenida abaixo, cada um de nós dependurado em seu saboroso "Ouro de Cuba", a caminho do palacete do meu excelentíssimo amigo Assunção e Silva, o qual fica situado num dos pontos mais pitorescos da Lagôa Rodrigo de Freitas.

Jantámos. Foi uma refeição à altura das circunstâncias, com estadão de mesa e requintado "menu".

Posso mesmo garantir que, se eu soubesse que dos acidentes de tráfego resultavam coisas destas... passava o dia a meter-me debaixo de quantos automóveis de luxo lobrigasse...

Por fim, como meu excelente amigo Assunção e Silva tinha de verificar alguns apontamentos do dia, refugiamo-nos no seu escritório. Era um retângulo alcatifado, de mobiliário impressionante, onde não faltava refrigeração, música suave e confôrto celestial.

Sentado à secretária, meu nobre amigo voltava costas a rica estante de madeira negra, caprichosamente lavrada com incrustações de madrepérola, contendo umas bôas centenas de livros luxuosamente encadernados.

— Livros!... Eis o meu fraco! — Exclamei, aproximando-me. Vejamos que há por aqui! "O Cisne do Colar de Ouro", "Rocambole", "Tratado de Ortopedia", "Cem maneiras de cozinhar bacalhau", "Espasmos e Nevroses", "Ensaio sôbre Astrologia" "José do Telhado", "L'Oiseau", "Medista sem Mestre", "Dicionário Grego", "A Noiva Raptada"...

Pulei! Era inacreditável uma biblioteca assim! Que salada russa"! Que coisa sem pés nem cabeça! Que horror!

— Meu caro Silva: — Indaguei, voltando-me intrigado — A que obedeceu esta escolha de livros? Que quer dizer?...

Êle olhou-me compassivo, esticou-

se no cadeirão, puxou mais uma fumaça e começou explicando:

—Comprei há anos êsse móvel e ainda hoje, não sei para que serve! Ali a minha mulher afirma que é de guardar miudezas. Um cunhado meu diz que lhe parece mais apropriado para louças. A mim afigura-se-me ser uma livreira. Nesta dúvida, decidimos que fôsse livreira, e, compreendes: como não trazia livros, havia que comprá-los. Fui a uma livraria e encomendei-os. Perguntaram-me lá que livros desejava eu. "Eu sei lá que livros desejo!" — retorqui. — Quero livros bem encadernados, bonitos, para encher uma estante que tem cinco prateleiras com dois metros e meio cada uma! Olhe, arranje... cinco vêzes dois, dez; cinco vêzes cinco, vinte e cinco... dezoito metros e meio de livros, assim grossos, vistosos, de côres variadas... e mande-mos pôr lá em casa!". Êles mandaram-nos para cá e fazem ou não fazem vista?...

A Legenda da Fôrça

O EPIFÂNIO, aquêle fabulista que morava em palácios dos outros e comia da caridade pública, está atualmente bancando o chefe de malta. É um camarada divertido e perigoso. Há o seguinte: quando êle nos diverte não admite que ninguém se ria de suas farças. Apenas a sogra é um pouco pior do que êle e exerce domínio implacável sôbre o terrível Epifânio. Imitando a sogra, a espôsa fêz-se ainda mais exigente, mais despótica ainda. E dêste modo Epifânio, que vive numa atmosfera de terror, começou a compreender o espírito da fábula da fôrça do braço.

Mas êle é divertidíssimo. Se bem que não use o paletó pelo avêsso, as calças lhe caem tão mal sôbre as botinas e estas sôbre os joanetes, que é impossível não achar graça infinita no modo especial que êle tem de atrançoar o *perrexim*. A impressão que se tem ao vê-lo é a mesma que a das ilustrações dos livros de Abel Hermant: e então, quando fala, temos Victor Rafael Hugo Pinheiro.

Na sala todo mundo ri do Epifânio, sobretudo aqueles que se lembram do tempo em que engolia desaforos na cara, caladinho, se não alegremente; e isto porque meteram-lhe na barriga, que o número de inimigos está na proporção do valor de cada um. E então, para arranjar inimigos, Epifânio fêz o maior número de infâmias possível. E a sorte lá estava para lhe soprar coisas.

Os criados da casa vizinha contam cenas características do mau gênio do Epifânio. De uma feita viram-no tomando a sopa pelo fundo do prato, porque no fundo estava a marca de um boi às cornadas nas pedras, e de outra viram-no também cingir uma coroa de capim e passear triunfante pelas cavalariças sob o olhar estarrecido dos cavalos do tilbury, privados da ração.

Outro dia Epifânio meteu-se a discutir filosofia. O seu antagonista, que era ateu, só acreditava na fôrça e na matéria. Quando Epifânio quis interrompê-lo com um discurso, êle mostrou-lhe uma montanha distante.

Vê você? Aquilo é fôrça.

Fôrça? Como é que eu não vejo ali a sogra de pedra?

Não importa. Aquilo é fôrça. Está imóvel, mas tem fôrça de muitos milhões de toneladas. E sabe que fôrça é aquela? É a fôrça infinita da inércia.

Epifânio, que só acredita que fôrça seja a fôrça policial ou a fôrça pública, ou as fôrças armadas, deu um pulo: "Horror... Chamar aquilo de fôrça... Pois uma montanha pode sequer prender um gatuno?...

Mas o filósofo ateu, com infinita paciência, deu-lhe longa explicação partindo da física e indo até à mecânica; de modo que Epifânio percebeu essa coisa. E ficou radiante. Nesse mesmo dia, na hora da ceia, pegou a sogra e revendeu a lição sob a forma de uma fábula conhecida, a da montanha dando à luz um rato. Então a sogra e a espôsa, sentindo-se ludibriadas, puzeram-no na rua a cabo de vassoura.

Invenções

O Velho — E quando começa a cair água do chuveiro?
O Biruta — Eu levanto a capota!

Todos os "Oscars" por uma coroa

GRACE Kelly está ocupando colunas e colunas dos jornais do mundo inteiro, porque vai trocar sua coleção de "Oscars" por uma série de títulos nobiliárquicos impressionantes. Rainier é, como se noticiou, duque de Valentinois, marquês de Baux, conde de Calardez, barão du Buis, senhor de Saint-Remy, sire de Matignon, conde de Torrigni, barão de Rambye, barão de la Luthumière, duque de Mazarin, príncipe de Château Porcien, barão de Altkirch, marquês de Chilly, barão de Massy, e marquês de Guiscard.

Esta história de amor, em forma de conto de fadas, fará mais do que comover as almas sensíveis: satisfará a opinião monegasca, consolidando o prestígio pessoal de Rainier. Não é exagerado afirmar que se o simpático rapaz se casasse com uma jovem "do seu nível nobiliárquico", como dizem os tradicionalistas, o principado não se beneficiaria com novo motivo de atração. A dinastia estaria assegurada de acôrdo com as regras protocolares, apenas... Ao passo que a escolha da adorável Grace foi um toque de clarim que repercutiu no mundo inteiro. Ao saber da notícia, um velho **croupier** disse:

— Desta vez foi o príncipe quem fêz estourar a banca...

MISS KELLY E' A MOÇA INDICADA

O rejuvenescimento dos quadros é fórmula que Rainier visa pôr em prática, há muito tempo, em seu Estado. Os freqüentadores do cassino e do principado são gente madura. Os jovens preferem permanecer nas proximidades, em Nice, Beausoleil, Menton, onde há diversões mais apropriadas à juventude. Não se trata, certamente, de contrariar os bons hábitos dos que dormem cedo, que são, aliás, na maioria dos casos, antigos noctâmbulos aposentados. Mas Rainier e seus auxiliares pensam, com razão, que mesmo em vinte e um quilômetros quadrados, há oportunidade para as manifestações mais dinâmicas da alegria de viver ao lado das legítimas aspirações ao repouso. Ao que se diz, o príncipe conta para isso com sua futura espôsa, pois ela conseguiu o milagre de se ter, em alguns meses, libertado do estrelato de Hollywood sem se envolver, nem de perto nem de longe, na menor anedota escandalosa ou simplesmente irônica.

No último festival de Cannes procuraram ligar seu nome ao de Jean Pierre Aumont, mas a "aventura" limitou-se ao quadro banal da publicidade. Não são alguns apertos de mão furtivos, logo registrados por cem câmaras, nem os "tête-à-tête" gastronômicos em companhia de magote de fotógrafos, que podem fazer tomar alguma coisa a sério. Além disso, a linda "estrela" fêz a tradicional advertência:

—Somos apenas amigos...

Esta declaração foi comentada por um companheiro de estúdio que a conhece bem:

— Se Grace estiver apaixonada, ninguém saberá...

Para desencanto dos mexeriqueiros e difamadores, o papai Kelly — ex-campeão olímpico de luta — ameaçou torcer-lhes o pescoço...

MANTER-SE-A' A ETIQUETA

O acontecimento que elevará Grace ao principado terá, sem dúvida, benéfica repercussão sôbre a prosperidade de Mônaco, estreitando suas ligações com os Estados Unidos.

Não é mistério para ninguém que, depois da guerra, Mônaco não viu renovados os grandes grupos de turistas americanos que o procuravam. Com uma compatriota — e que compatriota ! — como soberana, pode-se legitimamente esperar que êles não tardarão a voltar em grande número, como outrora. Os especialistas afirmam que o casamento está previsto para Junho, periodo particularmente favorável à preparação da magnifica estação.

O casamento não suscitará nenhuma questão de etiqueta e Rainier, que é muito simples, mostra-se muito satisfeito, pois recorda-se que um dos seus antecessores, o principe Honoré, encontrou certa dificuldade nesse assunto.

Foi no século XVIII. O principe Honoré, que contava então 37 anos de idade, pedira em casamento Catherine de Brignoles - Sales, sobrinha de antigo doge de Gênova. Sua mãe, muito meticulosa quanto ao protocolo, mandou anunciar que proibiria o casamento se a filha renunciasse às prerrogativas e à precedência que lhe asseguravam sua estirpe e seus títulos. À última hora encontrou-se uma solução: instalaram uma ponte do navio até o cáis, a fim de que o principe e sua noiva dessem exatamente o mesmo número de passos para encontrar-se. Êsse rigor da etiqueta não impediu que Honoré e sua espôsa fôssem muito felizes. Rainier espera que a ausência de etiqueta venha a contribuir muito mais para a felicidade de Grace ao seu lado

O CAMINHO DA PAZ... SOVIÉTICA

O jôgo do ganso é "renovado dos gregos", como se diz em certos países da Europa, ou vem do milenário pasichi indú, como acreditam os americanos. A origem não está bem esclarecida. Mas que provenha daqui ou dali pouco importa, o certo é que engendrou inumerável descendência jogos que se parecem com êle e se adaptaram às exigências da moda ou da atualidade. No França, o jôgo do ganso "moderno" inspira-se de bôa vontade no circuito ciclistico. Na Inglaterra, é o "jôgo do Império". Nos Estados Unidos, tornou-se "interplanetário". Na Hungria, é o caminho da... paz.

Como a Hungria (comunista) inspira-se nas ordens de Moscou, o "Caminho da Paz" — é o nome da versão magiar do jôgo — apresenta particularidades curiosas. Os peões são figurados por pequenos pombos, reproduções do famoso volátil de Picasso, e os "acidentes" — favoráveis ou desfavoráveis — são muito originais. Joga se segunda vez quando os dados fazem o pombo cair numa cidade vermelha — estas são tôdas grandes cidades do bloco soviético, mais Tunis e Guatemala — mas perde-se a vez de jogar se o pombo vai pousar numa cidade verde (quer dizer evoluida), como Paris, Londres, Caracas. Enfim, se se tiver a má sorte de cair numa cidade negra — Washington — é-se pura e simplesmente posto fora do jôgo. O vencedor é o jogador que consegue alcançar em primeiro lugar, com o pombo, a casa 52 ou o trono da paz. Mas a paz é soviética, o que diminui sensivelmente o valor da vitória.

DR. PAULO PÉRISSÉ
Chefe S. Proct. H. Gafrée Guinle.
VARIZES
suas complicações — úlceras, eczemas, inchações, etc.
Hemorroides sem operação
DOENÇAS ANO-RETAIS
Av. Rio Branco, 108-10.º
Sala 1006
EDIFÍCIO MARTINELLI
diàriamente das 14 às 18
Fones 28-4531 - 52-0251

OPINIÃO

A opinião é o único juiz do homem, depois da sua consciência.

Mados

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
FIXAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILISSIMA
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
PETRÓLEO · ÓLEO · BRILHANTINA.
LABORATORIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITOR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade minima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr$ 20,00
PETROLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr$ 35,00

Canja de Papagaio

Pelo *Barão de Itararé*

O PROPRIETÁRIO do restaurante "Ao Faisão Dourado" não ia bem de negócios e atribuia sua pouca sorte ao papagaio que mantinha na entrada do estabelecimento. Era uma linda ave, mas também fazia uma algazarra medonha e até dizia nomes feios, quando entrava qualquer cliente com cuja cara não simpatizasse. Alguns achavam graça. Outros, porém, se aborreciam e lá não mais punham os pés, porque os incomodados são os que se mudam.

De qualquer forma, o dono da casa, embora tendo grande estima pelo seu papagaio, tomara a cruel resolução de dar-lhe sumiço. Era isso tudo muito triste, mas era preciso, pois o animal de estimação lhe estava ferindo a gaveta e, quando entra em cena o maldito dinheiro, sacrificam-se até os melhores amigos.

Eram dessa ordem os trágicos pensamentos que percorriam em desordem o cérebro do negociante, quando entrou um freguês que queria tomar uma canja, mas desejava primeiro saber o preço.

—Trinta cruzeiros — Respondeu o dono, fechando os olhos com humildade comercial.

— E' muito cara! Não estou em condições de pagar tanto por um prato de comida.

Mas a canja é de galinha de raça e as galinhas estão carissimas. Em todo caso, posso preparar-lhe uma canja de frango comum por vinte e cinco cruzeiros.

— Ainda está cara, porque a verdade é que só tenho vinte cruzeiros no bolso e, portanto, não posso gastar mais do que essa quantia.

Nessa altura da discussão o proprietário do estabelecimento deu com os olhos no papagaio. Ao ver o freguês fazer menção de retirar-se, perpassou-lhe pelo crânio uma idéia sinistra e, colocando a mão sôbre o ombro do cliente, fêz-lhe uma última proposta:

— Por vinte cruzeiros, meu amigo, posso mandar preparar, à la minuta, uma bôa canja de papagaio.

— Aceito. Pode mandar prepará-la.

Mal tinha proferido essas palavras, o freguês sentiu forte bicada na perna. Abaixou-se, para ver do que se tratava, e, com enorme surprêsa, verificou que era o papagaio que, um tanto nervoso, lhe disse:

— Cavalheiro... não se constranja por falta de dinheiro. Pode encomendar mesmo a canja de frango que eu pago a diferença...

(Transcrito de "O Binômio" de 1 Janeiro 1956).

Valor e Utilidade de Pi

Para **"Careta"**

A décima sexta letra do alfabeto grego PI foi escolhida para indicar a relação existente entre a circunferência e o seu diâmetro, isto é, em números redondos 3,14-16.

Sua utilidade está na simplificação do calculo da área do circulo (PIr² = 3,14 15 92 X quadrado do raio).

Também serve para determinar o desenvolvimento do circulo, uma vez conhecido o seu diâmetro (3,14-15-92 x diâmetro). Assim, uma circunferência cujo diâmetro tenha exatamente 10,m00, seu desenvolvimento será aproximadamente 31,m 1416.

Dividindo-se exatamente determinado perimetro pelo seu diâmetro, não se encontrará apenas os 5 algarismos como valor de PI. A divisão se prolongaria ao infinito sem qualquer outra utilidade, mas os matematicos resolveram estender sua fração a 10 algarismos, separados dois a dois: 3,14-15 92-65-35.

Não sendo, porem, para todos qualquer memória êsse conjunto de 11 algarismos, foi por alguém criada, em português, esta frase que, pela grafia facilita guardá-la na lembrança: **Vai à aula o aluno apprender um número usado nas artes.**

Já os franceses diziam com o mesmo propósito mnemônico:

"Que j'aime a faire apprendre un nombre utile aux sages".

Nestas frases, o número de letras de cada palavra a ela sobreposto corresponderá a cada um dos algarismos de PI.

Agora passemos adiante uma piada, de um dos nossos grandes humoristas, feito engenheiro, mas que acabou sendo também bibliotecário, poeta e autor de "ricas rimas".

Contou-nos, há tempo, saudoso professor da Escola Nacional de Engenharia, que aquêle humorista, quando estudante, na antiga Escola Politécnica, fôra chamado ao quadro negro para desenvolver cálculos integrais.

Ao escrever o valor de PI, o aluno não se limitara aos 5 algarismos usuais. Valendo-se talvês daquelas frases, ou da sua prodigiosa memória, foi alinhando números, e já havia passado da metade, quando o professor o interrompeu:

— Espere um pouco. Em que ponto pretende o senhor acabar com o valor de pi?

O aluno, sem se perturbar, respondeu lentamente:

— Em Pa... ra... na... pi... a ca... ba!...

Rio, 1956.

A. C. de Oliveira Mafra

A Água de Colônia foi inventada pelo italiano João Maria de Farina, na cidade de Colônia, em 1709.

NOVA E ESFUSIANTE APRESENTAÇÃO DA

RÁDIO MAYRINK VEIGA

produzida por
HAROLDO BARBOSA
e SÉRGIO PORTO

'AS
5as feiras
das 20,30
em diante

PROGRAMA DO
CREME DENTAL
KOLYNOS
– de ação anti-enzimática!

A Malhação

Lott — Agora, que estamos firmes, que é que o preocupa?
Nereu — O sábado de Aleluia...

A VIDA NÃO TEM ENCANTOS PARA OS HOMENS ESGOTADOS

O Dr. Otto Loewi, professor de pesquisas farmacológicas da Universidade de New York e Premio Nóbel, disse que muitas das modernas drogas medicamentosas foram descobertas pelos homens primitivos. "Parece que a natureza emprestou-lhes um sentido, um poder de reconhecer as plantas medicinais". Haja vista a Marapuama (Acanthe Virilis), usada há muito tempo, pelos nossos silvícolas, no tratamento de várias manifestações de enfraquecimento orgânico e que hoje, associada à Catuaba, completa a fórmula das famosas Pilulas Maratú. Milhares e milhares de pessoas, que fazem uso dêste produto, consideram-no poderoso tônico nervino, empregado no tratamento da astenia neuro-muscular e suas manifestações. Pilulas Maratú não é um produto de ação passageira, mas sim um restaurador das energias perdidas em conseqüência dos excessos da mocidade.

Pedidos à Cia. Química Distribuidora Carlos de Britto — Rua do Lavradio, 178-A — RIO DE JANEIRO.

Inversão

NÃO deve ser muito raro que a Natureza pregue peças ao homem, principalmente àquele que se entrega aos chamados "estudos desinteressados", tais como a Arqueologia, a Linguistica e outros.

Não faltam pelo mundo fora acidentes geográficos de formas tão surpreendentes que parece terem sido fabricados expressamente para estarrecimento dos turistas.

A nomenclatura dêsses acidentes aí está para atestar-lhes a semelhança com objetos, formas e até simples impressões. Aí temos nós, por exemplo, o Corcovado, o Pão de Açúcar, a Vista Chinesa, o Dedo de Deus; nos Andes, os picos a que chamam Los Frailes; nas montanhas que circundam a Capital do México, a Mulher Adormecida; e assim inúmeros outros.

No Sertão do Paraná foram encontradas umas pedras de forma e em disposição tais que dão a impressão de constituirem um monumento pre-histórico. É possivel: se no Brasil essas coisas despertassem o mesmo interesse que por elas existe nos chamados paises cultos, talvez mesmo já se tivesse organizado uma expedição de graves homens de ciência para examinar as pedras e dizer se realmente se trata de monumento pre-histórico ou apenas de alguns rochedos grupados pela Natureza, de forma a causar admiração pela regularidade e pela aparência de trabalho humano que apresentam.

Será, porém, sempre assim?

Na velocidade com que caminhamos para dar a tudo a feição mais prática possível, haverá, em futuro próximo, lugar para estudos desinteressados?

Mussolini tendo estado certa feita, entre lavradores, um dia inteiro a debulhar milho, declarou-se muito mais entusiasta dos cam-

do Tempo

poneses que lavram a terra e geram muitos filhos, do que dos sábios que se entregam a estudos transcendentes. No Brasil, o esfôrço por dispensar a cultura intectual é formidável, tendo o nivel mental dos estudantes baixado a tal ponto que um dos nossos professôres cognominou os estabelecimentos de ensino de "quitandas intelectuais". Na Rússia vai-se fazendo tábua rasa da cultura supérflua, julgando-se consistir a glória do país mais na construção de usinas elétricas do que na publicação de livros.

Vivem por ai dizendo que a História se repete.

Ora, vamos supôr que, de repente, a marcha do tempo se invertesse e que, em vez de caminharmos para o século XX, fôssemos, ao contrário, marchando para o XIX e dêle para os que o precederam. Para os indígenas que habitavam o Brasil no tempo do descobrimento, a nossa civilização seria o Passado.

Os bugres, de tanga, caminhariam entre as ruinas dos arranhacéus da Avenida; tropecariam nas colunas do Teatro Municipal, com seus capitéis dourados; pisariam, furando-as com os pés irreverentes, as telas de Pedro Américo e Vitor Meireles, esparsas entre os escombros da Escola de Belas-Artes; se ainda existissem olhariam com indiferença para as inscrições dos chafarizes coloniais.

Em vez de criarem comissões para catar, armazenar e estudar essas melhorias, os caciques de então dariam à sua gente um alto exemplo de utilitarismo, procurando entre as coisas dêsse Passado distante ùnicamente aqueles que lhes pudessem servir para as necessidades elementares da existência. Nesse constante esquadrinhar à procura de objetos úteis, o dia em que um selvagem descobrisse uma caixa de fósforos e lhe compreendesse a utilidade, teria sido muito mais notável do que o dia em que, após um esboroamento casual, surgisse ante os olhos espantados da tribo, o complicado monumento do Marechal Floriano.

E não teriam êles mais juizo do que nós?

—◇—

QUESTÃO DE EXPRESSÃO

Alguns cavalheiros, cuja tara sentimental originou-se na noite dos tempos — e é ocasião de dizer que a noite dos tempos é a Idade Média — continuam a usar certas expressões que vêm ouvindo dizer em familia ou na sociedade dos fúteis em que vivem.

Seria penoso, a quem não é especialista, dar uma lista dessas expressões antiquadas e bolorentas que, ao lado dos ditados e provérbios insípidos com que os idiotas nos amolam a paciência, formariam substancioso volume de desmoralização da inteligência humana.

Ao acaso aqui temos uma, cuja correção foi feita pelo meu primo e amigo Carlinhos.

Carlinhos, homem moderno e bem penetrado de evolução da vida em seu melhor sentido econômico e político, estava outro dia conversando com o Gervásio, que é caturra e reacionário, sôbre coisas banais de familia:

— Como vai sua irmã? Perguntou Gervásio.

— Qual delas?

— Aquela que está em estado interessante!

— Interessante? Você quer dizer: em estado desesperador!... Vai bem... mal..

—◇—

AS FOCAS

Um dos mais originais encantos das elegantes praias alemãs do Mar do Norte — Westerland, Norderney, Heligoland e muitas outras — são as focas. Não se trata de focas adestradas, apresentadas ao público nos teatros de variedades. Trata-se de focas não adestradas que, no Verão, descem até latitudes muito baixas e, amiude, emergem de repente a cabeça entre os banhistas e se escondem na areia a tomar sol, causando a maior algria entre grandes e pequenos, porque as focas, tambem chamadas "leões do mar", nada têm de comum com seus homônimos terrestres, sendo, pelo contrário, animais tão inteligentes quanto inofensivos.

◆ ◆

PETROLINA MINANCORA
CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO.
TONICO CAPILAR POR EXCELÊNCIA

O último azar

O POVO costuma figurar a cabulosidade máxima com esta frase:

Se Fulano abrisse uma chapelaria, as crianças começavam a nascer sem cabeça...

Duvide quem quiser da cábula: eu acredito nela piamente. Há pessoas a quem a falta de sorte se cola ao corpo, como sucedia a certo escritor francês de que fala Anatole France.

Se se instituisse o campeonato do caiporismo, seu detentor teria sido Espiridião Taveira, pobre rapaz que conheci perseguido pela má sorte e a quem debalde procurei ajudar, tendo mesmo começado a experimentar uma espécie de contágio, que me obrigou, com grande pezar, a suspender-lhe a minha proteção.

Casa em que o pobre rapaz se empregasse, dentro de pouco tempo abria falência. Doente que êle tivesse a má idéia de visitar, não havia mais médico que salvasse da morte. Passeio em que tomasse parte era estragado pela chuva, quando não sucedia a algum companheiro qualquer incidente desagradável.

A fama de cabuloso é pior do que a de cão danado, porque ao cão tratam logo de matar, enquanto ao cabuloso ninguém mata: todos fogem dêle como o diabo da cruz e o triste vai ficando ilhado, no meio da multidão, não apenas indiferente, mas agressiva.

Há certa lógica na aplicação da terapêutica sobrenatural às doenças misteriosas. Para muitos estados mórbidos já se conhecem meios eficazes de tratamento, sejam drogas, sôros ou vacinas.

Para aqueles que a medicina não cura, que fazer senão apelar para o desconhecido? Foi pensando assim que o pobre Esperidião, sempre mal sucedido em seus empreendimentos, começou a freqüentar sessões espíritas, a consultar tenteeiros, a usar amuletos. Adquiriu uma infinidade de cacoêtes, como o de só pisar nas soleiras com o pé direito, não entrar em veículo onde já estivesse algum padre, não usar roupa marron e outras bobagens.

Não há dúvida que se deve acreditar na cábula. O caso do Esperidião aí está. Mas talvez seja possível dar à cabulosidade interpretação menos pessimista do que habitualmente se faz. Quando um individuo começa a tentar sucessivamente várias coisas para vencer na vida e logo de início fracassa, não será que a Sorte o protege, advertindo-o logo de que não é o caminho a seguir? Mais infelizes são aqueles que se iludem com uma estréia auspiciosa, para naufragar mais tarde. A decepção é assim mais dolorosa.

Depois de uma série ininterruta de fracassos de tôda ordem, Esperidião casou-se, com o intuito de ver se a mulher lhe trazia sorte ou, ao menos, se o caiporismo, dividido, não seria antes somado ?! e se tornaria mais suportável.

Na própria noite do casamento a casa do pobre homem pegou fogo. Os bombeiros compareceram com a presteza do costume mas, a despeito disso, pouco podiam fazer, porque a água não tinha pressão bastante, coisa muito de esperar desde que o incêndio interessava ao campeão da cábula. Era demais! A vítima do incêndio, com os escassos baldes dágua que foi possível obter, atirou-se contra as chamas com um denodo de herói. Naquele momento trágico êle resolveu salvar seus pobres cacarecos ou morrer.

Os bombeiros, assim como os oficiais do corpo, enchiam-se de assombro ante o arrôjo desesperado do infeliz.

Quase nada se salvou do incêndio. Parece, porém, ter perecido nêle a cábula do Esperidião, para quem logo as coisas mudaram, tanto que veio êle a falecer, já idoso, reformado como 1.º sargento do Corpo de Bombeiros.

O PRESO

Dizem que os grandes homens trabalham mais para o Futuro do que para o Presente.

E' questão que pode ser discutida sem mais vantagem que a de provocar no decurso da controvérsia algumas sugestões verdes e amarelas: como por exemplo:

Alfredo, que tem um metro e noventa e seis centímetros de altura, incontestavelmente um homem grande, acaba de casar-se com a Chininha, uma garota de dezesseis anos e pouco mais alta do que o Apolônio Sales.

Na sua qualidade de grande homem, trabalhará Alfredo mais para o Futuro do que para o Presente?

Eis aí duas sugestões, uma verde, porque é recente, e uma amarela, porque interessa a Pátria.

Alfredo trabalha para o Futuro; o resultado incontestavel de seus esforços será o aumento da população da cidade em um porvir entre próximo e remoto. Mas seu trabalho verde, não obstante ser feito na Chhina, é como se fôsse feito no Brasil atual.

Se deixarmos de lado o caso do Alfredo e elevarmos a questão ao ponto elevado das ciências, letras e artes, encontraremos alguns grandes homens cuja utilidade atual é perfeitamente negativa, porque só se preocupam com o que se dirá dêles no mais longínquo futuro, quando as obras que preparam hoje ficarem amarelas e possam ser comidas.

Discutindo êsse caso concreto, pode-se concluir que um grande homem é a mais perfeita expressão das grandes inutilidades dêste mundo, sobrecarregado de impostos e de preconceitos.

MÚSICA, ALEGRIA E MUITO SUCESSO ACOMPANHAM A CARAVANA DOMINICAL DE "CIRANDA DOS BAIRROS"

TODOS os domingos, às 10 horas da manhã, a Rádio Mundial transmite, diretamente de um cinema desta Capital, sua famosa CIRANDA DOS BAIRROS, sob o comando de Arnaldo Amaral. Essa transmissão arrasta verdadeiras multidões aos anfiteatros cinematográficos, para aplaudir os cantores, comediantes, músicos e conjuntos da Organização Victor Costa.

Programa tradicional no prefixo PRA 3, CIRANDA DOS BAIRROS é vitoriosa iniciativa que tem por finalidade levar aos que moram nos bairros e suburbios desta Capital, a'a manhã alegre, com o grande "cast" da O.A.V.C., liderado pelo dinâmico animador Arnaldo Amaral. Em CIRANDA DOS BAIRROS desfilam nomes como Angela Maria, Elizete Cardoso,

O que é esta vitoriosa iniciativa da Rádio Mundial — com todo o "cast" da Organização Victor Costa.

Dana Batteo-ini, Carlos Augusto, El Cubanito, Vocalistas Tropicais, Dora Lopes, Raul Moreno, Waldir Azevedo e seu famoso regional, Trio de Prata, Meides Gerardi, 4 Azes e 1 Coringa, Rosita Gonzalez, Trio Madrigal, os comediantes Ema D'Avila, Altivo Diniz, Antônio Carlos, Nanci Wanderley, Ze Trindade e a orquestra da Rádio Mundial, sob a regência de Aci Alves.

CIRANDA DOS BAIRROS, da Radio Mundial, é realmente uma iniciativa popular e interessante merecendo por isso o aplauso do grande publico e o pleno apoio de grandes firmas patrocinadoras, como Sanitária Águia, Varma, Cervejaria Triunfo e Casa Batista Fernandes.

Vinol

COMBATE A ANEMIA